



Andressa Malcher é comunicóloga, jornalista e bacharel em Direito. Atuou na imprensa paraense como repórter dos jornais Amazônia e O Liberal, e repórter da Rádio Unama FM. Em São Paulo (SP), atuou como repórter da agência Report Sustentabilidade, desenvolvendo conteúdos sobre sustentabilidade para empresas nacionais e estrangeiras. Hoje, em Porto Alegre (RS), segue investigando as tradições religiosas afro-brasileiras, relacionando-as com a manifestação de fé dos brasileiros.

A Pombagira na Umbanda: uma reportagem sobre o exu feminino e a tradição religiosa afro-brasileira.

## A Pombagira na Umbanda:

Uma reportagem sobre o exu feminino e a tradição religiosa afro-brasileira.

Andressa Malcher



**A POMBAGIRA NA UMBANDA: uma reportagem  
sobre o exu feminino e a tradição religiosa afro-  
brasileira.**

Andressa Malcher

## **Dedicatória**

À minha Amèlie querida, parceira nas descobertas sobre a Umbanda e a todos os umbandistas belenenses, capixabas e paulistanos que tornaram possível essa reportagem, ao professor e orientador Tadeu Arantes, pelo apoio e condução na investigação do tema e à minha família e marido, pelo respeito e apoio à minha empreitada.

## SUMÁRIO

<i>Apresentação: Quando a imersão no tema depende de um exercício de desapego.</i>	<b>5</b>
<b>1.</b> Sobre batom, rosas vermelhas, cerveja e encruzilhadas.	<b>12</b>
<b>2.</b> Umbanda, uma mistura genuinamente brasileira.	<b>29</b>
<b>3.</b> Como surgiu a Umbanda.	<b>51</b>
<b>4.</b> Os sacramentos da Umbanda.	<b>69</b>
<b>5.</b> A gira na Umbanda.	<b>72</b>
<b>6.</b> A relação entre os umbandistas e as entidades.	<b>79</b>
<b>7.</b> Pontos importantes sobre a gira na Umbanda.	<b>82</b>
<b>8.</b> A gira de direita.	<b>92</b>
<b>9.</b> A gira de esquerda.	<b>111</b>
<b>10.</b> Pombagira, o exu feminino.	<b>114</b>
<b>11.</b> Quem é Dona Maria Padilha.	<b>115</b>
<b>12.</b> A Pombagira.	<b>125</b>
<b>13.</b> Pombagiras têm perfis diferentes.	<b>135</b>
<b>14.</b> Breve reflexão.	<b>148</b>
<b>15.</b> Bibliografia consultada.	<b>150</b>

## **Quando a imersão no tema depende do exercício de desapego.**

*“A coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada a partir do sistema a que pertence”, Roque de Barros Laraia.*

Sou Andressa Malcher, brasileira, paraense de 29 anos. Como a maior parte da população do Brasil, o cristianismo é uma estrutura forte da minha religiosidade. Nascida em família católica, fui batizada, catequizada, crismada e educada a frequentar missas, festividades da Igreja Católica e a participar do Círio de Nazaré, procissão realizada anualmente em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, há mais de 200 anos, todo segundo domingo de outubro, em Belém (PA).

Depois de me envolver em episódios importantes de manifestação mediúnica, há quatro anos, fiquei confusa sobre o mundo espiritual, na existência do qual sempre acreditei. Portanto iniciei um processo de investigação, motivada por interesses pessoais, mas que culminaram nesse livro-reportagem.

Até ocorrerem esses episódios, acreditava que os transe mediúnicos aconteciam por influência de fenômenos psicológicos, já que minhas crenças foram construídas sustentadas na ideia de que “quem morre, não

volta”, como sempre ouvi dizer minha avó paterna, católica fervorosa, além de confiar que o *isso (id)* – o inconsciente, segundo a psicanálise,– tem poderes que nós não conseguimos nem mensurar.

Certa vez, ouvi de um pai de santo que sou São Tomé, pois preciso presenciar o fato para então acreditar na sua existência. De alguma forma, a “vida” identificou essa minha característica e me colocou em contato direto com a realidade espiritual, da qual apenas desconfiava da sua possível existência.

Essa desconfiança surgiu em mim ainda na infância, quando comecei a ver vultos e sentir presenças de espíritos, energias ou como queiram chamar. Sem entender direito o que eram aquelas sombras borradas que passavam rápido pelos lugares onde estava sempre sozinha, dividi as experiências com minha mãe que confessou também tê-las vivenciado muitas vezes, assim como minha avó materna. Curiosa sobre o tema, pedi para minha mãe contar suas histórias, até que descobri que minha bisavó materna, de origem indígena, criada no interior do Pará, em plena floresta amazônica, foi curandeira. Dominava o conhecimento sobre as ervas e, com o auxílio de sua mediunidade, curou e ajudou muitas pessoas na região ao tratar suas enfermidades.

Aqueles que creem na vida espiritual e nos espíritos, dizem que a mediunidade é hereditária, herdada

apenas pelas mulheres, ou seja, sempre a mãe médium é quem repassa à sua filha, a mediunidade.

Mesmo convivendo com experiências espirituais desde pequena, ainda assim a moral religiosa judaico cristã se enraizou firmemente na construção da minha cultura e condicionou o meu olhar até 2009. Foi quando vivenciei minha primeira experiência mediúnica com entidades da Umbanda, contribuindo para o seguinte questionamento: “mas quem morria, só não voltava no juízo final?”. Totalmente angustiada porque essas experiências espirituais não se encaixavam com meus conhecimentos católicos, constatei que não iria compreender esses episódios se continuasse os analisando a partir do dogma católico. Tive que fazer um grande esforço de desapego dessas crenças e imprimir um pouco de racionalidade para compreender essa nova realidade até então não pertencente ao meu repertório cultural.

Para entendê-la, inverti o processo de investigação tradicionalmente utilizado nos dias de hoje. Em vez de consultar primeiro a literatura sobre a Umbanda, aproveitei o contato direto com as entidades e conversei com pombagiras e pretos velhos<sup>1</sup>, conheci

---

<sup>1</sup> São entidades da Umbanda, da linha de esquerda e direita, respectivamente. Na tradição religiosa, incorporadas em seus médiuns, realizam trabalhos com ervas, frutas, chás, aves, entre outros ingredientes, com o objetivo de realizar a limpeza espiritual e

alguns terreiros<sup>2</sup>, participei de giras<sup>3</sup>, conversei com vários médiuns<sup>4</sup>, cambonos<sup>5</sup>, pai e mãe de santo<sup>6</sup> com o propósito de conhecer esse universo na época totalmente desconhecido.

De posse de um repertório de três anos de experiência prática, acompanhando as atividades dos umbandistas nos terreiros, e participando de inúmeras giras, então resolvi ler e estudar a respeito com o propósito de escrever esse livro-reportagem. Inverti o processo de investigação por uma necessidade pessoal de formar opiniões a partir da minha própria experiência. Opto por vivenciar o fato e relatá-lo, em vez de

---

proporcionar proteção aos seus consulentes, entre outras finalidades. Falo mais sobre o assunto no capítulo sobre a Umbanda.

<sup>2</sup> Como são chamados os locais onde são realizadas as reuniões da Umbanda. Podem ser terrenos ao ar livre, ou um cômodo de uma casa ou apartamento.

<sup>3</sup> Como são chamadas as reuniões da Umbanda.

<sup>4</sup> Pessoas que incorporam as entidades da Umbanda.

<sup>5</sup> Pessoa escolhida pela própria entidade para auxiliá-la durante a gira, quando incorporada no médium. Esse auxílio compreende funções como vestir o médium, servir bebida, comida e fumo à entidade, anotar as receitas de banhos, entre outras, que as entidades prescrevem aos seus consulentes.

<sup>6</sup> É o líder do terreiro, responsável por organizar as giras e administrar o terreiro, tomando decisões e delegando funções aos filhos de santo. As entidades que incorporam no pai e na mãe de santo são os líderes espirituais de seus grupos, também chamados chefe do gongá (o altar da Umbanda).

apresentar argumentos e teorias de estudiosos da Umbanda e da Pombagira. Em um exercício constante de ser repórter no cotidiano, concluo que a melhor forma de conhecer algo é vivencia-lo. A imersão no tema é uma grande ferramenta da apuração jornalística e antropológica.

Um bônus conquistado nessa minha trajetória foi a tomada de consciência sobre algo importante: a compreensão da realidade religiosa do outro é fundamental para respeitar suas crenças. A partir do momento em que se exercita o olhar cultural sobre a manifestação da fé, é mais simples compreender a crença de uma religião, seus aspectos ritualísticos e representações dos elementos que integram o repertório cultural de um grupo social.

“A Pombagira na Umbanda: uma reportagem sobre o exu feminino e tradição religiosa afro-brasileira” é um registro de um ponto de vista sobre a tradição religiosa e a entidade. Colecionei as informações evitando, ao máximo, a análise moral a seu respeito, pois uma vez que a minha moral religiosa cristã fosse a lente pela qual eu observasse o tema, maior seria a probabilidade de enxergar a tradição religiosa com a lente das minhas próprias crenças.

Desprender-se de conceitos, aprendizados e opiniões que se internalizou a partir da formação de sua

religiosidade, é necessário. Mais importante ainda é respeitar a forma que o outro manifesta a sua fé. Nas próximas páginas, dividirei com você, leitor, histórias que vivenciei e conhecimentos que colecionei na busca da compreensão sobre a realidade da Umbanda e sobre quem é a pombagira. Por que elegi essa entidade como objeto da minha inquietação? Deparei-me com a Pombagira quando menos esperava.

Venha comigo, explico no caminho.

Andressa Malcher

## Nota da autora

A Umbanda foi fundada há mais de cem anos no Brasil. Essa pesquisa revelou, entretanto, que, ainda hoje, os umbandistas e outros praticantes de tradições religiosas de influência africana, sofrem preconceito por suas religiões realizarem contato direto com entidades, encantados<sup>7</sup>, Orixás ou eguns (espíritos desencarnados, de pessoas que já morreram). Por esse motivo, as identidades das fontes dessa reportagem foram preservadas a pedido dos próprios entrevistados.

---

<sup>7</sup> Segundo os umbandistas, são espíritos que nunca encarnaram, ou seja, que não viveram na Terra, no plano material. Alguns umbandistas acreditam que eles vivem na natureza, em uma esfera energética diferente da dos espíritos desencarnados (de mortos) e de entidades.

## **Sobre batom, rosas vermelhas, cerveja e encruzilhadas.**

Confio que os acontecimentos da vida de cada pessoa têm uma razão de ser. Todas as experiências que vivemos têm um por quê. São situações que nos preparam para chegarmos a um determinado lugar. Pombagira atropelou meu caminho e cá estou investigando sobre o mundo dos espíritos, das entidades, “o lado de lá”, orum ou como queiram chamar. Investigo o tema a partir de histórias sobre experiências de seres humanos íntimos do mundo espiritual.

2009. Abri a porta de casa para uma amiga, minha irmã de coração, e encontrei uma mulher magra, pálida, cujas olheiras denunciavam o esgotamento físico de quem consumiu muita energia nos últimos dias e não teve tempo para descansar. Médiun, há meses se queixava comigo sobre sentir energias “pesadas”, segundo ela, de espíritos que estariam à sua ilharga por motivos que desconhecia. Eram queixas manifestadas principalmente quando frequentamos casas antigas de amigos, ou igrejas, locais que concentram grande quantidade de energia.

Por várias vezes, repentinamente ela ficou com ar de embriagada, olhar perdido, com sintomas que precedem o desmaio. Fraca.

“Amiga, acho que vou mediunizar”, alertava.

Desconfiada, eu encarava a situação como um problema de saúde, consequência de dietas duvidosas, carentes de nutrientes, como ela costumava fazer, por não ter o hábito de se alimentar bem. Pensei várias vezes ser o caso de estar desnutrida. Sempre foi muito magra. Cética, nessas ocasiões de semiconsciência, eu chamava seu nome, tentando focar sua atenção no presente. Discursos retóricos e copos d’água sempre trouxeram sua consciência de volta. Ela sempre se recuperava. Mas não naquele dia.

“Estou me sentindo muito mal, fraca, não aguento mais.”

Segundo ela, estava resistindo a espíritos que insistiam em mediunizar, se manifestar a partir da incorporação. Criada em uma família kardecista, ela sabia que, em casos como esse, de acordo com o kardecismo, deveria se dirigir a um centro espírita e solicitar atendimento com algum médium atuante na casa. Eles são mais experientes e preparados para lidar com situações como essa.

Por medo ou qualquer outro motivo que desconheço, ela não deu atenção ao tratamento espiritual.

Funcionando como uma antena eficiente, captou energias por onde passou. Bem conectada com o mundo espiritual, vinha sendo pressionada por espíritos e entidades que precisavam se comunicar, segundo ela.

Certo dia, marcamos um passeio com alguns amigos, em uma sexta à noite. Sairíamos da minha casa para pegar o resto da rapeize e seguir para assistir a um espetáculo circense em cartaz na cidade. O trajeto da garagem do meu prédio à casa de um amigo levaria sete minutos de carro. Os mais longos e tensos já percorridos na minha vida. Foi nesse dia que abri a porta de casa e me deparei com sua debilidade física que relatei anteriormente. A fraqueza dela só piorava conforme descíamos o elevador e nos dirigíamos ao carro. Andamos meio quarteirão.

“Amiga, vou mediunizar, vou mediunizar!”  
Desmaiou no banco do carona, enquanto eu dobrava a rua.

De cabeça baixa, iniciou um movimento semelhante ao de quem tem crises convulsivas. Cabeça caída para o lado, com o peitoral em movimentos que lembram os de alguém que tosse muito. Esbaforiu e foi se acalmando aos poucos, ainda com os olhos fechados. Silêncio.

“Tão querendo matar o meu cavalo<sup>8</sup>! Fizeram trabalho<sup>9</sup> ‘pro’ meu cavalo! ‘Sucê’<sup>10</sup> tem que proteger o meu cavalo.”

Conhecendo minha amiga como conheço, sabia que não era ela quem me dirigia à palavra. Conhecendo um pouco das expressões da Umbanda, sabia que a entidade ali incorporada se referia ao fato de minha amiga estar correndo perigo por causa de algum trabalho (macumba, como o dizem) que lhe haviam feito. “Mas espera! Eu não acredito em macumba. Nem em entidades. Nem em incorporações”, pensei.

Com a angústia de querer trazê-la de volta, ouvi tudo o que a entidade – depois descobri ser um preto velho – tinha para dizer. Prometi que protegeria seu “cavalo”.

---

<sup>8</sup> Como as entidades da Umbanda chamam os médiuns nos quais incorporam.

<sup>9</sup> Como chamam os rituais realizados com um propósito específico, para o bem ou para o mal. Nesse caso, prejudicar alguém, causando algum dano. Originalmente, macumba é uma espécie de árvore e um instrumento africano. Historicamente, o termo tornou-se metonímia que faz referência a práticas ritualísticas de tradições religiosas africanas e da própria Umbanda.

<sup>10</sup> Sinônimo de “você”, palavra comumente utilizada por pretos velhos.

“Foi dona Tereza (tia da minha amiga, umbandista, residente em Niterói-RJ) que mandou avisar. Não conte nada disso para ninguém, ‘xuxu’.” Foi embora.

Nos mesmos movimentos “convulsivos”, ela voltou com uma profunda expiração, como quem estava prendendo o ar há tempos. Tremíamos. Foi nossa primeira experiência espiritual, juntas. A primeira vez que conversei com alguém não vivo.

Um nó se formou na minha cabeça e, a partir daí, desconstruir o emaranhado de um conjunto de crenças, ideologias e dogmas cristãos que aprendi a vida toda foi um esforço de resignificação. Exercitei o desapego desses pontos de vista e iniciei uma investigação para descobrir sozinha sobre essa realidade desconhecida.

No dia seguinte ao episódio, ainda incrédulas com o ocorrido, ela me ligou aflita.

“Estou ouvindo uns cantos, vendo umas coisas!” Me descreveu figuras que depois descobri serem os Orixás. “Eles me chamam para o mar. Escuto: ‘Maria Padilha mandou avisar’. Joguei no Google! É uma pombagira!”. Demonstrou medo.

Assim como eu, ela pouco sabia sobre as simbologias umbandistas. Éramos incapazes de distinguir Umbanda de Candomblé. Associávamos pombagiras a espíritos demoníacos porque gostam de fumo, vinho, são associados às encruzilhadas, informações que recebemos de quem não conhece as tradições afro-brasileiras.

Novamente minha amiga apareceu em minha casa, ainda mais desgastada do que no dia anterior. Eu sabia que não seria o caso de levá-la ao hospital. Sabia que medicações não resolveriam o problema. Por acaso, quando falávamos sobre as músicas e imagens que ela estava ouvindo e vendo, uma tia escutou minha conversa. Percebeu minha aflição e disse “tenho um amigo pai de santo. Já participei de umas reuniões dele, mas não fala nada para a tua avó”. Muito católica e com uma fê poderosa, minha avó paterna compreende as entidades da Umbanda e os Orixás como maus espíritos.

“Não podem ser de Deus! Quem está morto não fala com os vivos”, diz ela.

Opinião compartilhada por quase toda a minha família. Logo, essas minhas experiências teriam que permanecer em silêncio. Assim foi.

Pegamos o carro e fomos as três ao Pai de Santo. No meio do caminho, minha amiga, em transe,

deixava a entidade que estava ali, se manifestar. Ela anunciava profecias, se referindo a seu “cavalo”. A essa hora eu comecei a desconstruir o estranhamento em relação à presença de pessoas não vivas no nosso meio.

Chegamos à casa do Pai de Santo. Um casebre antigo, humilde, com um longo corredor escuro que ligava a porta da rua à sala. No final do corredor, um clarão de luz que vinha de um pequeno pátio, localizado ao fundo da casa, iluminava uma cadeira de plástico branca que repousava vazia.

“Senta ela ali”, ele me disse.

Amparando-se nos meus braços, com certa dificuldade para andar porque parecia embriagada, ela sentou. Balançava levemente a cabeça de um lado para o outro como quem não consegue se equilibrar. Com sua guia<sup>11</sup> no pescoço, o Pai de Santo ergueu seus braços e, com cada uma das mãos, segurou as mãos dela. Chamou seu nome enfaticamente, querendo trazê-la de volta e disse:

---

<sup>11</sup> Cordão feito de contas, miçangas, que é uma espécie de amuleto. A guia serve como proteção e defende o médium que a usa de eventuais energias negativas. Também pode funcionar como um talismã, quando coberta por determinados fluidos que a abastece de energias positivas.

“Quem é mais forte que Deus, quem é?! Quem é mais forte que Deus?!”. Suas energias ali se somaram.

Imediatamente, ambos incorporaram seus pretos velhos. Iniciaram cantos – depois soube chamarem-se pontos<sup>12</sup> – acompanhados de um bater de palmas e movimentos ritmados, que depois descobri se tratar do jeito deles de dançar os pontos. Embora aquela tenha sido a primeira vez em que se encontravam, os dois interagiram com entrosamento. Ele pediu seu “pito” (fumo), tragou e soprou a fumaça defumando a moça incorporada.

“Eu vim dar um recado”, disse a entidade dela.

Entre fumaças e rezas, o Pai de Santo disse à entidade que esperasse seu cavalo ficar forte para lhe receber (em português claro, que aguardasse a moça se fortalecer espiritualmente e se preparar para exercer sua mediunidade e então poder receber essas entidades). Denunciando entender o recado, a entidade se foi e logo a pombagira chegou cantando.

---

<sup>12</sup> Como são chamadas as cantigas da Umbanda.

“Arreda homem que aí vem mulher. Arreda homem que aí vem mulher. Ela é a Pombagira, rainha do Cabaré. Tranca Rua vem na frente ‘pra’ dizer quem ela é. É uma velha Feiticeira, rainha do Cabaré<sup>13</sup>.”

Foi a primeira vez em que vi Maria Padilha, como se apresentou. De movimentos tímidos e contidos, a moça foi envolta por uma sensualidade e um gesto que demonstrava poder. Nítido que não era ela ali. Pombagira dançou, bateu palmas, cantou o ponto, gargalhou. Pediu fumo, mas não fumou. A entidade do Pai de Santo, munida de autoridade, brigou. Ela não deveria estar ali. Repetiu o recado: que voltasse quando seu cavalo estivesse preparado. A entidade cantou para Pombagira “subir”<sup>14</sup> e eu assisti a tudo como se visse um espetáculo teatral, uma performance. Minha racionalidade me impediu de encarar tudo aquilo como

---

<sup>13</sup> Ponto da Pombagira.

<sup>14</sup> Tanto para chamar as entidades, quanto para convidá-las a se retirar da gira, os umbandistas cantam pontos. Cantam para “descer”, para chama-las. Cantam para “subir”, para avisar que está na hora de ir embora. Quem determina o momento da chegada e da partida das entidades é o pai ou a mãe de santo. Quando estão ausentes, porque incorporaram alguma entidade, designam a função a algum filho de santo.

verdadeiro. Levei meses para processar os acontecimentos.

Enquanto examinava “cl clinicamente” os movimentos de minha amiga, aceitando que ela estava possuída por algum espírito, me questionava: “onde é que Deus fica nisso tudo?”. Minhas reflexões foram interrompidas quando o Pai de Santo, ainda incorporado, me olhou nos olhos e disse com um vocabulário próprio daquela entidade, cujas palavras não me recordo na íntegra, mas a ideia era essa:

“Minha filha, o homem se preocupa em definir Deus de acordo com a sua crença, mas te digo, o Deus é o mesmo para todas elas”.

Exatamente o que eu desconfiava.

“Qual é a graça da moça?”, me perguntou a entidade incorporada no Pai de Santo, interrompendo minhas reflexões.

Disse seu nome e ele a chamou de volta, enfaticamente. Depois de uns três puxões em seus braços, Maria Padilha “subiu” e minha amiga caiu desmaiada no sofá. Puxei-a para perto de mim, com o objetivo de acordá-la. A entidade do Pai de Santo se despediu e “cantou para subir”. De volta à consciência, ele preparou

um banho de ervas e me pediu que a ajudasse a se lavar, da cabeça aos pés. Visivelmente renovada em suas energias, com um semblante que demonstrava alegria e sossego, conversamos no quintal sobre o ocorrido enquanto eu a ajudava no banho.

“Me sinto leve.” Sorriu.

Desde o episódio desse final de semana de setembro de 2009, dias depois do meu 25º aniversário, Preto Velho e, mais assiduamente, Maria Padilha, nos visitaram quase todo sábado. Ele geralmente chegava primeiro, como que anunciando que ela viria. A tranquilidade e serenidade de sua presença, sempre com palavras sábias, eram trocadas por um clima de cabaré, assim que Maria Padilha chegava.

Sabíamos que ela estava por perto antes mesmo de minha amiga incorporá-la. Ela já sentia a proximidade da Pombagira ao ter calafrios que percorriam sua coluna vertebral, o famoso frio na espinha. Seu olhar adquiria um tom sensual, assim como seus gestos. Aos poucos, ela ia ficando com um ar de embriagada. Às vezes avisava:

“Dona Padilha chegou. ‘Tá’ me dando uns recados”. Sorria debochadamente.

Muitas vezes esses recados eram para a própria médium. Outras, para quem estivesse no recinto. Geralmente mulheres. Maria Padilha adorava quando estávamos eu, a mãe e a irmã de minha amiga, a empregada da casa delas e mais duas amigas nossas que são irmãs gêmeas. Todas adultas e de posse de casos de amores e seus problemas. Maria Padilha adora profetizar sobre essas histórias. Eu sempre ouvia reticente, duvidando de suas previsões. Mas elas aconteceram.

Os recados eram mensagens sem detalhes, que não comunicavam muito para as que não fossem sua destinatária. Ou eram sopradas no ouvido da médium que nos repassava, ou Maria Padilha dizia diretamente, quando incorporada. De recado a recado, ficávamos uma, duas horas conversando com a Pombagira, querendo aliviar nossas inquietações amorosas. Ela gostava quando estávamos as cinco amigas reunidas. Geralmente aparecia. Certa vez, nos reunimos na casa da minha amiga que a incorpora, antes de ir para a balada. Parece que o clima de festa a atraiu prontamente. Mais uma vez, ela profetizou:

“Filhas de Padilha são mulheres de mais de um homem e, hoje à noite, os homens serão todos de vocês”.

Nós sorrimos desconfiadas, mas assim foi. Naquela noite, sentimos um poder de encantamento sobre os homens, que desconhecíamos. Em um dado momento, estávamos dançando, nos divertindo, rindo e conversando, quando nos deparamos com todos os homens presentes na pista de dança, parados, formando um círculo ao nosso redor, nos vendo dançar.

As conversas com Maria Padilha também ocorriam para recebermos orientações sobre algumas demandas da entidade. Por exemplo, deixar, em encruzilhadas, rosas vermelhas, batons vermelhos e cerveja, sua bebida favorita. Maria Padilha também nos pediu que jogássemos rosas brancas no rio Guamá, que banha a cidade de Belém (PA). Outra vez, ela nos pediu que acompanhássemos o Círio de Nazaré e levássemos rosas brancas como agradecimento a Nossa Senhora de Nazaré que, segundo ela e o Preto Velho, tem nos protegido a cada dia de nossas vidas. Ela não usou especificamente essas palavras, mas conseguíamos, com um pouco de esforço, interpretar as mensagens.

Minha amiga também incorpora a Pombagira Cigana. A entidade a acompanha principalmente quando ela joga cartas, o baralho cigano. Costumo dizer que ela é minha bruxa, pois antecipou fatos que aconteceriam na minha vida, vendo-os nas cartas. Eles de fato aconteceram e isso me impressionou profundamente.

Em 2012, quando estive em Belém (PA), onde mora minha família e a protagonista dessa história, tive a oportunidade de conversar com Pombagira Cigana. Eu ainda não a conhecia. Foi nessa ocasião em que ela confessou ser o guia que a orienta quando joga o baralho cigano. Minha amiga aprendeu a jogar ainda na adolescência, mas sobre isso eu falarei no capítulo da entrevista que fiz com ela sobre sua história com as pombagiras. Enquanto Maria Padilha tem traços mais popularescos, fala palavrões, ri alto, é debochada, Pombagira Cigana é refinada, elegante, tem voz sensual e encantadora, além de falar em “portunhol”.

Médium, sua mãe já viu o espírito de Maria Padilha certa vez, quando incorporada. Eu não testemunhei, só sei dizer, segundo relatos, que a Pombagira conversava com a empregada da casa delas quando sua mãe a viu em pé, ao lado de seu “cavalo”. Trajava um vestido longo, com saia volumosa, vermelha e preta, no estilo da indumentária cigana. Seu rosto estava coberto por um véu, preto ou vermelho, não se recordam exatamente.

Essas experiências me permitiram traçar um perfil inicial da entidade, que foi amadurecendo conforme colecionei mais informações sobre ela. As pombagiras gostam do clima de festa, confraternização e é sempre nesse ambiente que se manifestam. Adoram rosas

vermelhas, bebidas alcoólicas que podem ser cerveja, champanhe, Martini, vinho, entre outras, assim como cigarro. São vaidosas, apreciadoras de pulseiras e colares, principalmente.

Certa vez, Eleonora, a pombagira que lidera o terreiro que frequentei em São Paulo (SP), me pediu que lhe desse de presente um colar verde, “feito na minha terra”, no Pará. Dei-lhe de presente dois colares de sementes, em dois tons de verde. Outra vez, durante uma das primeiras incorporações de Maria Padilha, ela me disse:

“Quero o meu batom. Cadê o meu batom?”.

Perguntei onde estava. Ela me apontou o local e lá encontrei um batom cor de vinho. Destampeei-o e lhe entreguei pronto para ser usado. Ela pegou o batom e, de uma só vez, passou-o nos lábios sem deixar nenhum borrado. No mesmo instante acreditei que ali não tinha nem um pouco da minha amiga que, além de ter uma enorme dificuldade de passar batom escuro, na época, jamais conseguiria passá-lo perfeitamente e de olhos fechados.

Quando incorporados pelas pombagiras, os médiuns usam vestidos longos, ou saias e blusas, sempre bem enfeitados. Usam lenços ou panos enrolados em suas

cabeças. Estão sempre cheirosos, impecavelmente arrumados e de posse de uma boa dose de sensualidade.

As pombagiras (incorporadas nos médiuns) gostam de dançar e que cantemos seus pontos. Quando incorporam, cumprimentam um por um os presentes na gira como quem chega a uma festa cujos convidados só esperam elas para começar a confraternização.

Essas entidades são mulheres experientes, de muitos homens e com grande autoestima. São especialistas em dar conselhos amorosos e também sabem fazer trabalhos para aqueles que querem conquistar ou resgatar um amor, mesmo que ele tenha dono. Mas apenas algumas pombagiras fazem trabalhos para atrair homens e mulheres que estão envolvidos em outros relacionamentos. Outras têm uma ética própria, como aquelas do terreiro que frequentei em São Paulo (SP), que proíbe trabalhos com esse propósito, porque significam fazer o mal. Elas são contra praticar o mal aleatoriamente, motivado por vaidade ou capricho daquele que pede esse tipo de trabalho. Elas fazem o mal apenas se necessário e para defender alguém que lhes pede ajuda. Por exemplo, fazer um trabalho para afastar determinada pessoa que age com o intuito de prejudicar um casal.

Conforme fui me aproximando desse universo, mais me interessei em conhecê-lo com maior profundidade, especialmente por ser algo totalmente

desconhecido. A Pombagira foi despertando minha curiosidade e cá estou escrevendo um livro-reportagem sobre essa entidade tão famosa, mesmo longe dos terreiros de Umbanda. Mas afinal, o que é a Umbanda e quem é a Pombagira? Próximas páginas.

## **Umbanda, uma mistura genuinamente brasileira.**

O primeiro contato com terreiros, entidades ou demais informações sobre a Umbanda, gera confusão. Ao menos eu fiquei bem confusa na primeira vez em que estive em um terreiro. Embora nunca estivesse estado em um local sagrado para os umbandistas, reconheci ali vários símbolos. Causou-me estranhamento, a priori, as imagens dos Orixás da altura de pessoas adultas, além de imagens de pombagiras e pretos velhos, de 50 cm a um metro de altura.

Cheguei lá com minha amiga nos braços, mais uma vez, semiconsciente. Eu e sua mãe procurávamos a Mãe de Santo do terreiro, sua conhecida, para nos ajudar, pois ela estava em transe novamente, sem condições de retomar a consciência.

Enquanto aguardávamos a Mãe de Santo, sem nenhuma timidez, fui adentrando o espaço amplo e ostentador. Como nas igrejas católicas, não houve economia na construção dos vários altares (chamados gongás, na Umbanda) e na ornamentação de imagens de Iemanjá e ciganas com cerca de um metro de altura, talvez mais, postas em meio a velas e crucifixos e demais imagens de outras entidades. Fui percorrendo com a vista todo aquele imenso altar construído em praticamente

todas as paredes daquele barracão<sup>15</sup> retangular. Dentre muitas imagens, eis que encontro a de Jesus Menino, Santo Antônio e outros santos católicos. Para minha surpresa e total espanto. O excesso de imagens, guias, pedras e velas continuava na mesa de trabalho da Mãe de Santo do terreiro. Seu escritório também reunia outros altares menores.

Vestida de calça e blusa brancas, de um tecido de algodão e com suas guias devidamente repousadas no pescoço, ela nos recebeu. Depois de proferir algumas rezas e conversar com a entidade incorporada em minha amiga, a médium retomou a consciência e então ouviu algumas orientações sobre como cuidar da saúde espiritual. Foi a única vez em que estive ali.

Depois de dois anos em contato com entidades e visitando terreiros pontualmente, sempre quando minha amiga sofria com outros problemas espirituais, foi que conheci mais profundamente a Umbanda. Isso aconteceu durante o período em que morei em São Paulo (SP), de 2011 a 2013, quando frequentei um grupo de umbandomblé (uma combinação de Umbanda com Candomblé), a Casinha Pequeninã. Lá, participei efetivamente das giras, as reuniões da Umbanda.

---

<sup>15</sup> Na Umbanda, o local onde são realizadas as giras.

Para proporcionar maior compreensão sobre a Umbanda, destinei um capítulo desse livro às giras, no qual relato minhas experiências vivenciadas durante a pesquisa de campo. Mas, desde já, ressalto que foi a partir dessas reuniões que melhor compreendi a tradição religiosa. O ritual deixa visíveis aspectos intrínsecos à cultura brasileira, quais sejam a influência cristã e kardecista europeias, indígena e negra.

O princípio básico da Umbanda é a crença em forças sobrenaturais que interferem no mundo material, qual seja o mundo em que vivemos. Essas forças são distinguidas em benéficas e maléficas. Há entidades que praticam apenas o bem e outras que também podem praticar o mal. Explico melhor no capítulo sobre a gira.

As normas da Umbanda se assemelham muito às normas da vida. Na vida material, encontramos o bem e o mal em tudo o que a constitui, assim como há reações que ocorrem como consequência de ações, apresentando uma relação de causa e efeito. Meu ponto é o seguinte: assim como na vida terrestre a pessoa é responsável pelas consequências dos seus atos, na Umbanda, as entidades e os umbandistas também o são.

Na vida material, vivemos para aprender e trabalhamos para sobreviver. As entidades da Umbanda trabalham para nos ajudar e também para evoluir

espiritualmente, conforme aprendem e amadurecem a partir do desempenho de suas funções.

Conforme se conhece melhor a Umbanda, é cada vez mais simples identificar seus elementos culturais oriundos das crenças tradicionais africanas e ameríndias, além do credo cristão. É essa a mistura que constitui a sua brasilidade. Roger Bastide, pesquisador de tradições religiosas com influências negras no Brasil, nos anos 1970, descreveu a Umbanda:

“Tem-se a impressão de estar ‘numa’ encruzilhada de religiões, ou, antes, ‘num’ beco sem saída onde se encontram as mais diversas místicas”.<sup>16</sup>

Como disse anteriormente, a Umbanda tem influências kardecistas, cristãs e de tradições religiosas negras e indígenas, ou seja, de povos que contribuíram para a construção da cultura brasileira. Alguns traços culturais umbandistas se assemelham ao candomblé, como a crença e o culto aos Orixás e a prática da magia,

---

<sup>16</sup> BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil. São Paulo, 1971, p.126, em LIMA, Bentto de. Malungo – decodificação da Umbanda. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

exercida de um jeito brasileiro, sincretizada com santos católicos.

A magia, executada pelos negros, no Brasil escravocrata, permaneceu na cultura brasileira, resistindo às repressões de uma sociedade culturalmente europeia, que, entretanto, também tinha pessoas fascinadas pelos segredos da relação entre o homem e a natureza. A magia é também um elemento cultural do xamanismo. A experiência xamânica da possessão é uma das raízes da Umbanda. Mas, por ser praticada principalmente por escravos, a possessão foi marginalizada e atraiu repúdio de parte daqueles representantes da cultura europeia escravizadora, residentes no Brasil.

Durante a minha pesquisa, constatei que no Brasil dos séculos 17 e 18<sup>17</sup>, há registros de prática de curandeirismo e uso de ervas combinadas com adivinhações e possessões, como o calundu, uma prática religiosa africana.

Quem nasceu na Amazônia, como eu, cresce acostumado ao hábito dos banhos de ervas, tomados principalmente em datas festivas, como na madrugada do dia de São João (24 de junho) e na véspera do ano novo. O objetivo do banho é descarregar as energias ruins,

---

<sup>17</sup> MATTOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira. São Paulo: Contexto, 2008.

atrair boas energias, entre outras finalidades. Destaco o fato para demonstrar o quanto as raízes indígenas e africanas constituem a estrutura da cultura brasileira e da Umbanda.

Da tradição africana, os cultos misteriosos realizados em segredo pelos negros, acabaram sendo preservados ao longo da história do Brasil. A magia pôde, assim, permanecer como traço cultural mais profundo, marcando intensamente a religiosidade popular brasileira. Entretanto, grande parte dos rituais religiosos africanos, conservados com a aprovação do colonizador, foi encarada principalmente como folclore. O ponto de vista do folclore, na opinião de Bentto de Lima, pesquisador da Umbanda, apresenta o risco da tradição, bem como do Candomblé, de serem abordados apenas enquanto atração turística. Na opinião dele, um processo tático de deculturação dos negros no Brasil<sup>18</sup>.

Os negros traficados para cá, diante da repressão de suas culturas, desenvolveram estratégias de defesa com o objetivo de preservar suas tradições. Para continuar homenageando e celebrando seus ancestrais e entidades, os escravos substituíram seus nomes pelos dos santos católicos e adequaram suas comemorações ao calendário cristão, por influência dos colonizadores

---

<sup>18</sup> LIMA, Bentto de. Malungo, decodificação da Umbanda. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

portugueses, além de incorporarem nas celebrações cristãs, elementos de sua cultura como os atabaques, um tipo de tambor que acompanha as cantigas entoadas nas celebrações.

A correspondência entre santos católicos e os 16 Orixás é um exemplo dessa estratégia de preservação cultural. Na Umbanda e no Candomblé, eles são considerados extensões de Deus, atuantes na Terra em seu nome, também considerados ancestrais dos praticantes da tradição. Outro exemplo são os preparativos da gira, muito parecidos aos da ceia do Natal, a grande confraternização em celebração a Jesus Cristo, na tradição cristã, ou o almoço do Círio de Nazaré, para os paraenses, realizado em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré.

Na página seguinte, apresento os 16 Orixás e seus santos católicos correspondentes. Cada Orixá tem um significado, uma cor, um elemento e um dia da semana. Na tradição do Candomblé iorubá<sup>19</sup>, os Orixás são seres sobrenaturais que orientam a vida na Terra e regem as forças da natureza.

---

<sup>19</sup> Nome de um dos principais povos africanos que contribuiu para a formação da cultura brasileira.

## **Exu ou Elegbra**

\_Santo católico  
correspondente: Santo  
Antônio.

\_É o Senhor dos caminhos,  
orixá mensageiro e vencedor  
de demandas. É também o  
orixá das causas materiais.

\_Cor: vermelho e preto.

\_Elemento: fogo.

\_Dia: segunda-feira

## **Ogum**

\_Santo católico  
correspondente: São Jorge.

\_É o orixá guerreiro. Deus do  
ferro e da guerra. Seu  
domínio são as lutas e o  
trabalho.

\_Cor: azul escuro, verde ou  
vermelho.

\_Elemento: fogo.

\_Dia: terça-feira

## **Oxossi**

\_Santo católico  
correspondente: São  
Sebastião.

\_É o protetor das matas, dos  
animais, florestas e  
caçadores. Traz sempre o seu  
Ofá (arco e flexa).

\_Cor: Verde, azul turquesa e  
vermelho.

### **Ossaim**

\_Elemento: terra.  
\_Dia: quinta-feira

\_Santo católico  
correspondente: São Roque.  
\_É o orixá das ervas  
medicinais e das plantas em  
geral.  
\_Cor: Verde e rosa  
\_Elemento: ar.  
\_Dia: quinta-feira

### **Obaluaiê ou Omulu**

\_Santo católico  
correspondente:  
São Lázaro e São Roque.  
\_O orixá das pestes e das  
doenças de pele. Conhece a  
cura de todos os males.  
\_Cor: Branco e preto  
\_Elemento: terra.  
\_Dia: segunda-feira

### **Oxumaré**

\_Santo católico  
correspondente:  
São Bartolomeu.  
\_É o orixá da sorte, da fartura  
e da fertilidade. Protetor das  
mulheres grávidas. Seus  
domínios são os poços e as  
fontes das matas.

## **Ewá**

\_Cor: verde e amarelo ou as cores do arco-íris (é representado por uma serpente).

\_Elemento: água e terra.

\_Dia: quinta-feira.

\_Santo católico correspondente:

Nossa Senhora das Neves.

\_É o orixá das chuvas, rainha dos mistérios e da magia.

\_Cor: vermelho e branco.

\_Elemento: água.

\_Dia: sábado.

## **Xangô**

\_Santo católico correspondente:

São Jerônimo, Santo

Antônio, São Pedro , São

João Batista, São José e São

Francisco de Assis.

\_É o Senhor da Justiça, do trovão e da pedreira.

\_Cor: vermelho e branco.

\_Elemento: ar e terra.

\_Dia: quinta-feira.

## **Oxum**

\_Santo católico correspondente: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora das Candeias.

\_É a rainha dos rios e das cachoeiras, do ouro e do amor.

\_Cor: amarelo, dourado, azul claro e rosa.

\_Elemento: água.

\_Dia: sábado.

## **Iansã**

\_Santo católico correspondente: Santa Bárbara.

\_É a deusa guerreira, senhora dos ventos, das tempestades e dos raios. É a mulher principal de Xangô.

\_Cor: vermelho, amarelo, marrom e branco.

\_Elemento: água, ar e fogo.

\_Dia: quarta-feira.

## **Logun-Edé**

\_Santo católico correspondente: São Miguel Arcanjo e Santo Expedito.

\_Seus domínios são os leitos dos rios e os marés. É filho de Oxum com Oxossi.

\_Cor: amarelo e azul.

## **Obá**

\_Elemento: água e terra.

\_Dia: quinta-feira.

\_Santo católico  
correspondente:

Santa Catarina, Santa Joana  
D'Arc e Santa Marta.

\_Os seus domínios são as  
águas revoltas. É uma das  
esposas de Xangô.

\_Cor: amarelo e laranja.

\_Elemento: terra.

\_Dia: quarta-feira.

## **Iemanjá**

\_É associada à Virgem  
Maria, principalmente Nossa  
Senhora dos Navegantes.  
Sincretizada no Rio de  
Janeiro com Nossa Senhora  
da Glória.

\_É o orixá da harmonia em  
família, a rainha dos mares e  
a mãe dos orixás.

\_Cor: azul e branco ou verde  
claro.

\_Elemento: água.

\_Dia: sexta-feira.

## **Naná**

\_Santo católico  
correspondente: Santa Ana,  
mãe de Maria.  
\_É o orixá feminino mais  
velho. É a mãe de Oxumaré e  
Obaluaiê. É a protetora dos  
doentes desenganados.  
\_Cor: lilás, branco e azul.  
\_Elemento: água.  
\_Dia: terça-feira.

## **Ibeji**

\_Santo católico  
correspondente: Cosme e  
Damião.  
\_Os orixás gêmeos,  
protetores das crianças e da  
família.  
\_Cor: Azul, rosa e verde.  
\_Elemento: fogo.  
\_Dia: domingo.

## **Oxalá**

\_Jesus.  
\_É considerado o pai de todos  
os orixás. É o mais velho e o  
primeiro a ser criado. É  
responsável pela criação do  
mundo e dos seres humanos.  
\_É o orixá da agricultura, que  
traz a chuva e fecunda os  
campos. Está associado à  
Justiça e ao equilíbrio.

\_Cor: branco.

\_Dia: sexta-feira.

\_Elemento: não possui.

Além de terem que realizar seus cultos em segredo, ou adaptá-los à doutrina cristã, os grupos de escravos traficados para o Brasil, de diferentes culturas, foram misturados quando chegaram à colônia portuguesa. Em um mesmo grupo, estavam africanos iorubás - principalmente representados pelas nações Queto e Nagô, que tinham uma religião arcaica bem estruturada. Além de haussas e mandingas, que já haviam sido islamizados e trouxeram para o Brasil um islamismo com algumas crenças ancestrais, traços culturais deles. O objetivo dessa mistura foi evitar organizações e planejamentos de motins. Portanto os escravos negros foram separados de seus familiares e de outros membros da sua comunidade, constituindo grupos de negros de origens culturais diferentes.

Com o passar do tempo, algumas características culturais dos negros passaram a ser toleradas e até incorporadas ao repertório cultural brasileiro. Os contatos com espíritos praticados por esses negros, por exemplo, só foram vistos com menos estranhamento no Brasil a partir do século 19, com o surgimento do Kardecismo e sua expansão, trazendo à

cultura brasileira a tradição da comunicação com os espíritos nas reuniões de mesa branca<sup>20</sup>. O Kardecismo é uma doutrina cristã cujos ensinamentos foram colecionados por Allan Kardec a partir de mensagens recebidas de espíritos desencarnados, incorporados em médiuns, também chamados aparelhos.

Uma fatia da elite brasileira, de cultura europeia, aceitou a doutrina kardecista. Nesse sentido, a tradição espírita facilitou aos grupos de herança cultural visivelmente europeia, a aceitação de fenômenos espirituais negros.

O contato com os espíritos, a partir do kardecismo, permitiu a essa elite brasileira a comunicação com mortos ilustres da cultura branca. A elite brasileira passou a lidar com menor estranhamento em relação ao caráter espiritual das tradições religiosas negras após a libertação dos escravos, quando eles começaram a serem vistos como pessoas.

A tradição do contato espiritual com mortos ilustres é praticada ainda hoje no Brasil. Em Belém (PA), todas as segundas-feiras, os cemitérios da Soledade e Santa Izabel, os dois principais da cidade, abrem suas

---

<sup>20</sup> Reuniões realizadas por médiuns kardecistas – sentados à uma mesa, geralmente com toalha branca – preparados para estabelecer contato com espíritos que incorporam em médiuns com o propósito de pedir ajuda espiritual.

portas para receber fiéis e suas velas, flores e outros presentes para as almas ilustres e populares.

A pessoa que desejar alcançar uma graça das almas deve se dirigir ao cemitério durante nove segundas-feiras e rezar o rosário. O ritual compreende a reza de dois terços, seguidos da oração das almas, momento no qual se pede a graça. A oração das almas é a seguinte: “Para isto fomos feitos, para lembrar e ser lembrados, para chorar e fazer chorar, para enterrar nossos mortos<sup>21</sup>”.

O culto se encerra com a reza do último terço. A prece pode ser dirigida às almas em geral, ou a uma em particular. Para determinadas almas, existem orações individuais. Os médicos Dr. Camilo Salgado e Dr. Crasso Barboza, são dois exemplos de mortos ilustres muito demandados pelos fiéis. Conhecidos na sociedade belenense do século 19 por suas competências e atuações bem sucedidas com seus pacientes, seus túmulos são dois dos mais procurados no Culto das Almas, no Cemitério de Santa Izabel.

Há alguns anos, quando escrevi uma reportagem sobre o tema, em uma segunda-feira nublada de 2007, visitei o Cemitério da Soledade, o mais antigo da capital, inativo há décadas. O silêncio sepulcral convive com as dezenas de fiéis que levam para lá velas e

---

<sup>21</sup> MONTEIRO, Walcyr. *Visagens e Assombrações de Belém*. 5ª Ed. Belém: Smith Editora, 2007.

presentes para as almas. As velas são acesas e fixadas no chão e ao redor da cruz de mais de dois metros de altura, localizada entre a capela e a entrada do campo-santo. Outras são fixadas nas próprias sepulturas, onde são deixados os presentes, como pipocas e doces para as crianças que ali estão enterradas. Importante ressaltar que pipoca e doces também são presentes que os Erês - como são chamadas as entidades infantis na Umbanda - ganham dos umbandistas. Um grande exemplo do sincretismo brasileiro.

Em Belém (PA), Walcyr Monteiro, conhecido escritor da literatura amazônica e pesquisador do tema, constatou que o Culto das Almas é também praticado na Umbanda, em cultos fitolátricos, na capital, realizado da mesma forma como ocorre nos cemitérios. Os cultos fitolátricos são de adoração às plantas. Eles integram os batuques<sup>22</sup> realizados em Belém.

Elemento da cultura africana, o batuque é praticado na Umbanda, combina música e dança. Johan M. Rugendas, viajante que esteve no Brasil, no século 19, definiu a prática:

---

<sup>22</sup> Como são chamadas as giras realizadas com instrumentos percussivos, como os atabaques, nas quais as entidades dançam no ritmo dos pontos. No Rio Grande do Sul, umbandistas também se referem às giras como batuque.

“A dança habitual do negro é o batuque. Apenas se reúnem alguns negros e logo se ouve a batida cadenciada das mãos. É o sinal de chamada e de provocação à dança. O batuque é dirigido por um figurante. Consistem em certos movimentos do corpo que talvez pareçam demasiado expressivos. São principalmente as ancas que se agitam. Enquanto o dançarino faz estalar a língua e os dedos, acompanhando um canto monótono, os outros fazem círculo em volta dele e repetem o refrão<sup>23</sup>”.

O batuque também foi incorporado à religião católica no Brasil. É realizado em rituais e festas que homenageiam santos. O congado, ou congada é um bom exemplo. São danças executadas para celebrar o Natal e o Dia de Reis, no norte e nordeste do Brasil. Também praticada nos festejos de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e do Divino Espírito Santo. É dançada de maneira dramática ou como folguedo, resultado de uma combinação de tradições africanas e ibéricas<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> MATTOS, Regiane Augusto de. História e Cultura Afro-brasileira. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>24</sup> Informações da biblioteca de ritmos, disponível em [www.bibliotecaderitmos.com.br](http://www.bibliotecaderitmos.com.br).

São várias as histórias da origem do batuque no Brasil. Uma delas é a lenda de Chico-Rei. Imperador do Congo, ele foi traficado para o Brasil em um grupo de 400 escravos, junto com sua esposa e filhos que não resistiram à viagem desgastante e morreram, sobrevivendo apenas um. Chico-Rei pagou por sua liberdade e de seu filho com economias provenientes de intensos trabalhos nas minas, em Vila Rica (MG). Um tempo depois, também comprou a liberdade de seus súditos que vieram juntos com ele, traficados. Casou-se com uma nova rainha, organizou a irmandade do Rosário e Santa Efigênia, construindo uma igreja onde eram realizadas as celebrações do dia de Reis e de Nossa Senhora do Rosário. As solenidades incluíam seu coroamento seguido da celebração de uma missa cantada, com presença do rei e de sua rainha trajados ricamente, acompanhados de dançarinos e músicos que tocavam caxambu (um tipo de tambor), pandeiro, marimbas (instrumento percussivo), ganzás (instrumento percussivo de origem africana) e recitando ladainhas.

Durante o império, o batuque foi praticado em desfiles de reis e rainhas, além de cortejos fúnebres. Os africanos acreditam que a dança tem relação direta com o universo religioso, por esse motivo é utilizada como meio de comunicação com o mundo espiritual, pois viabiliza o transe.



Fiel do Culto das Almas, no Cemitério da Soledade, o mais antigo de Belém (PA). Foto: Andressa Malcher.

Informações detalhadas sobre o Culto das Almas, praticado em batuques, em Belém (PA), constam na quinta edição do livro “Visagens e Assombrações de Belém”, a mais famosa obra de Walcyr Monteiro, escritor paraense premiado internacionalmente por esse trabalho. Preocupado em registrar a literatura oral amazônica, há algumas décadas raramente praticada na cultura paraense, nos centros urbanos, o escritor lançou inúmeras obras

com narrativas da região, outrora famosas e presentes nas conversas à porta de casa, antes tradicionalmente praticadas pela população belenense.



Sobre a sepultura, um saco de pipoca, um dos tradicionais presentes para as crianças. Túmulo do Cemitério da Soledade, em Belém (PA). Foto: Andressa Malcher.

Meu ponto é mostrar como o Culto das Almas, praticado principalmente por cristãos, é um exemplo do sincretismo que a Umbanda apresenta,

combinando elementos do cristianismo e kardecismo, além de tradições religiosas africanas. Fica clara, portanto, a representatividade da cultura brasileira na prática religiosa. A mesma observação vale para o congado, um elemento cultural brasileiro que combina traços da cultura africana e ibérica.

Voltando à Umbanda, é comum fazermos confusão entre a tradição e o Candomblé por falta de conhecimento sobre ambas. Embora o foco dessa reportagem seja a Pombagira e a Umbanda, tradição religiosa que viabilizou o meu contato com a entidade, explico brevemente o que é o Candomblé.

As giras de Candomblé, em linhas gerais, são organizadas com propósito de viabilizar um momento para que os fiéis deem suas oferendas aos seus ancestrais, também chamados Orixás e voduns, que estão relacionados à fundação das principais linhagens africanas. Diferente da Umbanda, o Candomblé apresenta rituais de iniciação que preparam os médiuns escolhidos pelos próprios Orixás, para incorporá-los nesses cultos. Esses médiuns são “escolhidos” durante as giras. Geralmente, na presença de um Orixá, por interferência de sua forte energia, “bolam no santo”, como se diz. Influenciados por essa energia, sentem os sintomas que antecedem a incorporação, ou desmaiam, como acontece na maioria das vezes. Aquele que “bola no santo”,

interpreta o fato como um chamado para ser médium. Por esse motivo, participa do ritual de iniciação, realizado em várias etapas, incluindo estudos sobre o seu Orixá e sua dança, retiro espiritual com isolamento, momentos de transe e incorporações, além da depilação de todos os pêlos do corpo, inclusive os cabelos. O Candomblé, ao contrário da Umbanda, possui processos ritualísticos mais rígidos e burocráticos. Algumas práticas da tradição demandam dos fiéis, experiência. Os praticantes de Candomblé mais experientes podem ser identificados conforme o tipo e o número de guias que carregam no pescoço, assim como o tipo de roupa que trajam. Essa identificação raramente ocorre na Umbanda.

### **Como surgiu a Umbanda**

Observados os traços históricos e culturais que constituem a identidade da Umbanda, compreende-se que a história dessa tradição religiosa acompanha a história do Brasil. Embora suas características remontem à colonização brasileira, a Umbanda só foi efetivamente fundada em 1908, no estado do Rio de Janeiro, em Niterói.

A história da tradição religiosa se inicia naquele ano, tendo como protagonista um garoto de 17

anos, chamado Zélio de Moraes. Na época, ele sofria de um problema de saúde que médico algum consultado pôde identificar. Chegou a ser diagnosticado como louco por algumas pessoas que o consultaram. Como última tentativa para tratar o mal, foi levado à Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, localizada, à época, na cidade fluminense. Lá, ele foi direcionado para uma sessão de mesa branca, reunião de médiuns kardecistas que estabelecem contato com espíritos desencarnados (espíritos de pessoas que já morreram), segundo a doutrina kardecista. Na ocasião, o inesperado aconteceu.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas, entidade até então desconhecida daqueles kardecistas, se manifestou na sessão e pediu que o garoto Zélio de Moraes se sentasse à mesa branca. Segundo relatos, naquele momento, Zélio foi tomado por uma força desconhecida e superior à sua vontade, contrariou as normas que impediam o afastamento dos presentes da mesa branca e disse:

“Aqui está faltando uma flor”.

Saiu da sala. Retornou com uma flor nas mãos e colocou-a no centro da mesa. O gesto gerou protesto entre alguns presentes. Outros, no entanto, começaram a incorporar espíritos de índios, caboclos e

escravos africanos. O médium que liderava a sessão mediúnică pediu a esses espíritos que se retirassem do local, considerado inadequado para aqueles ainda distantes da evolução espiritual, como eles, no entendimento kardecista. O Caboclo das Sete Encruzilhadas interviu, dizendo aos presentes que então fundaria a Tenda Espírita, espaço destinado à manifestação espiritual de caboclos, pretos velhos, onde poderiam trabalhar para pessoas que precisassem de sua ajuda.

Relatos publicados no site da Federação Espírita do Brasil<sup>25</sup> - gravações de manifestações do Caboclo das Sete Encruzilhadas, intermediadas por Zélio de Moraes, na década de 1970 -, reforçam a Umbanda como uma religião que oportuniza a manifestação desses espíritos. Disse então Zélio de Moraes:

“Queridos irmãos, ao meu lado está o Caboclo das Sete Encruzilhadas para dizer a vocês que esta Umbanda tão querida de todos nós, fez ontem 63 anos. Na Federação Kardecista do estado do Rio, presidida por José de Souza, conhecido por Zeca, e rodeado de gente velha, homens de cabelos grisalhos,

---

<sup>25</sup> : Disponível em <http://www.fedespbrasil-es.org.br/pg/1677/umbanda-candomble/>

um enviado de Santo Agostinho me chamou para sentar à sua cabaceira. Trazia uma ordem. Fora jesuíta até aquele momento, chamava-se Gabriel Malagrida. Daquele instante, ele ia criar a Lei da Umbanda, onde o preto e o caboclo pudessem manifestar. Pois se o que existia no Brasil eram caboclos, eram nativos, como é que uma Federação Espírita não recebia caboclo nem preto? Então disse o espírito: ‘amanhã, na casa de meu aparelho (médium), na Rua Floriano Peixoto, 30, será inaugurada uma Tenda Espírita com o nome de Nossa Senhora da Piedade, que se chamará Tenda de Umbanda’”.

Os umbandistas contam que um médium presente na sessão de mesa branca na qual o Caboclo das Sete Encruzilhadas se manifestou pela primeira vez, fundando a Umbanda, viu o espírito da entidade e perguntou por que ele se identificava como caboclo já que era um sacerdote. O Caboclo das Sete Encruzilhadas lhe disse que havia sido um padre jesuíta em sua última encarnação, mas que esse fato não tinha importância. Disse ainda que se manifestava na forma de um caboclo para deixar claro que todas as entidades têm o direito de

ajudar ao próximo em sua evolução espiritual, por esse motivo fundou a Lei da Umbanda.

Logo após a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, um preto velho incorporado em um dos médiuns presentes, pediu fumo - pito, como chamam. Na gira do dia seguinte, a primeira realizada na Tenda da Umbanda, várias pessoas chegaram para a reunião com fumo para dar de presente ao preto velho.

A Umbanda é uma tradição religiosa baseada no amor, na ajuda e na caridade. A Lei da Umbanda foi fundada com o propósito de ajudar a evolução espiritual de todos os frequentadores das giras e consulentes das entidades e a evolução das próprias entidades. Essas trabalham em faixas vibratórias distintas, como definem alguns umbandistas. Cada faixa vibratória de uma entidade está relacionada às suas competências e aptidões, determinando tipos de trabalhos diferentes que podem fazer, objetivando a evolução espiritual.

As faixas vibratórias onde atuam as entidades estão distribuídas nas sete linhas da Umbanda, que constituem sua unidade. Dependendo da região do Brasil e do período histórico no qual são ou foram praticadas as giras, as entidades que se manifestam, variam. Cada uma delas parte de um Orixá que é seguido pelos falangeiros, como são chamadas as entidades. Essas podem ser caboclos, pretos velhos, boiadeiros, crianças e exus (estão

nesse grupo as pombagiras, consideradas o exu feminino). Há também os baianos, que se manifestam junto com os caboclos, e os marinheiros. Juntamente aos exus e pombagiras, pode se manifestar Zé Pelintra, entidade que se enquadra bem no perfil do malandro carioca. Ele só aparece em algumas giras, dependendo da região do Brasil. Atualmente é muito raro encontrar Zé Pelintra nos terreiros. Com o passar do tempo, é comum, na Umbanda, que as entidades deixem de se manifestar. Alguns grupos acreditam na evolução espiritual delas, por esse motivo, elas perdem a ligação com o plano material. Não há mais registros de manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, por exemplo.

Na página seguinte, apresento as sete linhas de Umbanda e seus principais guias.

## **Linha de Oxalá**

\_Guias principais (chefes das falanges): Caboclo Urubatão de Guia, Caboclo Ubirajara, Caboclo Aymoré, Caboclo Guaracy, Caboclo Guarany e Caboclo Tupy.

\_Outros guias atuantes: Caboclo Pena Branca, Caboclo Águia Branca, Caboclo Tupã, Caboclo Rompe Nuvem, Caboclo Tamoio, Caboclo Gira Sol e outros.

\_Regida por Jesus Cristo, representa o princípio da criação, a luz divina que coordena todas as outras.

\_O astro que rege a linha é o Sol e tem como guardião o anjo Gabriel.

## **Linha de Iemanjá**

\_Guias principais (chefes das falanges): Cabocla Yara, Cabocla Indayá, Cabocla Estrela do mar, Cabocla Nanã, Cabocla Sereia do Mar, Cabocla Oxúm, Cabocla Iansã.

\_Outros guias atuantes: Cabocla Jandira, Cabocla Iracema, Cabocla Jupira, Cabocla Jacira, Cabocla da Praia, Cabocla Juçanã, Cabocla Sete Ondas, Cabocla Estrela Dalva e outras.

\_Regida por Nossa Senhora da Glória, a líder da linha, além de Nossa Senhora da Conceição, sincretizada com Oxúm, representante da Divina Mãe, da energia feminina, da natureza da água, da gestação e da fecundação.

\_O astro que rege a linha é a Lua e tem como guardião o anjo Rafael.

## **Linha de Xangô**

\_Guias principais (chefes das falanges): Xangô Kaô, Caboclo Sete Montanhas, Caboclo Sete Pedreiras, Xangô da Pedra Preta, Xangô da Pedra Branca, Caboclo Sete Cachoeiras e Xangô Agodô.

\_Outros guias atuantes: Caboclo Cachoeira, Caboclo Junco Verde, Caboclo Gira Mundo, Caboclo Cachoeirinha, Caboclo Sumaré, Caboclo Rompe Montanha, Caboclo Ventania, Caboclo Rompe Serra e outros.

\_Regida por Nossa Senhora da Glória, a líder da linha, além de Nossa Senhora da Conceição, sincretizada com Oxúm, representante da Divina Mãe, da energia feminina, da natureza da água, da gestação e da fecundação.

## **Linha de Ogum**

\_O astro que rege a linha é Júpiter e tem como guardião o anjo Miguel.

\_Guias principais (chefes das falanges): Ogum de Lei, Ogum Yara, Ogum Megê, Ogum Rompe Mato, Ogum de malê, Ogum Beira Mar, Ogum Matinada.

\_Outros guias atuantes: Ogum Sete Espadas, Ogum Sete Lanças, Ogum Sete Escudos, Caboclo Timbiri, Caboclo Tira Teima, Caboclo Humaitá, Caboclo Rompe Mato, Caboclo Araguaí e outros.

\_Regida por São Jorge, representante do fogo da Salvação. É a linha das demandas da fé, das aflições, das lutas e batalhas.

\_O astro que rege a linha é Marte e tem como guardião o

anjo Samuel. Na linha também trabalham os Exus de Umbanda.

\_Guias principais (chefes das falanges): Caboclo Arranca Toco, Cabocla Jurema, Caboclo Araribóia, Caboclo Guiné, Caboclo Arruda, Caboclo Pena Branca e Caboclo Cobra Coral.

\_Outros guias atuantes: Caboclo Pena Azul, Caboclo Pena Verde, Caboclo Pena Dourada, Caboclo Tupinambá, Caboclo Tabajara, Caboclo Sete Flechas, Caboclo Tupiára, Caboclo Tupiaçú, Caboclo Mata Virgem, Caboclo Rei da Mata, Caboclo Pery, Caboclo Rompe Folha, Caboclo Paraguassu, Caboclo Arerê, Caboclo Coqueiro, Caboclo Sete Palmeiras, Caboclo Juremá, Caboclo Folha Verde e

## **Linha de Oxossi**

## **Linha de Yori**

outros.

\_Regida por São Sebastião, representante do Caçador das Almas, o mestre que ensina a doutrina e pratica a catequese dos filhos que o procuram.

\_O astro que rege a linha é Vênus e o guardião é o anjo Ismael.

\_Guias principais (chefes das falanges): Tupanzinho, Ori, Yariri, Doum, Yari, Damião e Cosme.

\_Outros guias atuantes: Crispim, Crispiniano, Mariazinha, Zequinha, Chiquinho, Luizinho, Joãozinho, Paulinho, Luizinha, Ana Maria, Joaninha e outros.

\_Regida por São Cosme e São Damião. É a linha da Ibejada - das crianças.

Representa a alegria, a luz da espiritualidade, a ingenuidade e lealdade infantil.

\_O astro que rege esta linha é Mercúrio e o guardião é o anjo Yoriel.

\_Guias principais (chefes das falanges): Pai Guiné, Pai Tomé, Pai Arruda, Pai Congo de Aruanda, Maria Conga, Pai Benedito e Pai Joaquim.

\_Outros guias atuantes: Pai João, Pai Jacob, Vovó Ana, Vovó Cambinda, Pai Cipriano, Pai Simplício, Tia Chica, Pai Chico, Pai Miguel, Vovó Catarina, Pai Congo do Mar, Pai Mané, Pai Antônio, Pai Congo, Pai Moçambique, Pai Zé, Pai Fabrício, Pai Jovino, Pai Tomás, Vovó Luiza e outros.

\_Regida por São Lázaro e São Roque, sincretizados com Obaluaê e Omolú,

## **Linha de Yorimá**

respectivamente. É a linha dos pretos velhos ou linha das almas. Representa a palavra da lei, a linha das magias. É composta pelos espíritos cuja missão é combater o mal e todas as suas manifestações. São os Senhores da Magia.

\_O astro que rege a linha é Saturno e o guardião é o anjo Iramael.

É importante observar que as entidades também sintetizam a cultura brasileira, pois encontramos nelas o índio – caboclo -, o negro – preto velho – e o branco – marinheiro, exu e pombagira.

A Umbanda é uma tradição religiosa cujas práticas dialogam com as do Candomblé e do Kardecismo. A tradição passou por muitas transformações ao longo dos anos e isso ocorreu porque todos os ensinamentos acerca da Lei da Umbanda são passados pelas próprias entidades aos seus médiuns, conhecimentos também repassados por eles aos demais umbandistas. Por esse motivo, ao mesmo tempo em que os grupos de Umbanda se assemelham por seguirem a mesma Lei, podem apresentar traços diferentes, podendo

ter práticas mais ligadas ao Candomblé ou mais ligadas ao Kardecismo. De acordo com essas influências, a gira pode ter, por exemplo, maior número de rituais com sacrifício de animais, como o ritual de iniciação do médium, ou de purificação espiritual (o bori). Pode ser realizada com bastante batucada e muita dança, ou ser mais discreta, sem música, sem batuque, lembrando uma reunião kardecista. Em alguns grupos de Umbanda, a influência do kardecismo é tal que, antes de ser dado início à gira, lê-se uma passagem do Evangelho Segundo o Espiritismo, espécie de Bíblia Sagrada da doutrina espírita.

Muitos grupos de Umbanda também aderem a elementos da cultura popular de sua sociedade. Os umbandistas da Amazônia, por exemplo, praticam nas giras, cultos fitolátricos, englobando o conhecimento tradicional sobre a manipulação de plantas da região, para fins medicinais e de limpeza espiritual. Todas essas informações são importantes para compreender que não há regra geral para um modelo de prática umbandista. Quanto maior o tempo de contato entre umbandistas e suas entidades, maior a maturidade e peculiaridade das práticas e rituais de um determinado grupo.

Desde a primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas naquele 15 de novembro de 1908, 105 se passaram e, durante esse período, os umbandistas

levaram a tradição para várias regiões brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, no sudeste, Pará, no norte, e Rio Grande do Sul, por exemplo. Lugares onde pude ter contato e vivenciar experiências direta ou indiretamente com a Umbanda.

Na capital gaúcha, Porto Alegre, as práticas da Umbanda, com traços fortes do Candomblé, podem ser vistas com frequência na zona sul da cidade, na orla do Rio Guaíba, local onde há, inclusive, uma imagem de Oxum – Orixá feminino representante da beleza e do amor -, sob a qual foi reservado um espaço para despacho de oferendas. Veja a fotografia na página seguinte.



Imagem de Oxum na orla do rio Guaíba, no bairro de Ipanema, Porto Alegre (RS). Foto: Andressa Malcher



Abaixo da imagem de Oxum, espaço destinado às oferendas.  
Foto: Andressa Malcher

Moradora do bairro, já presenciei umbandistas depositando despachos na faixa de areia e realizando giras (chamadas por muitos deles de batuque), principalmente no fim da tarde. O despacho das oferendas

é o último gesto de um ritual. Depositados na beira do rio, na beira do mar e em demais locais destinados a esse fim, como debaixo da imagem de Oxum e, na maioria dos casos, nas encruzilhadas, as oferendas são produzidas antes, ou durante as giras. Somente aqueles preparados para tal função, estão nos bastidores da produção da gira, viabilizando a confraternização com as entidades. Sobre o assunto, falo no próximo capítulo.

Tradições umbandistas praticadas na beira do Guaíba, em Porto Alegre (RS) me chamaram atenção sobre a liberdade da prática de rituais umbandistas, em locais públicos, no Brasil. Em Belém (PA) e em São Paulo (SP), essas práticas públicas são mais raras. Aliás, a legislação brasileira reforçou o direito à liberdade de consciência e de crença e ao livre exercício dos cultos religiosos de matriz africana, em 2010. O Estatuto da Igualdade Racial garante o direito à liberdade de consciência e de crença, bem como o livre exercício dos cultos religiosos de matriz africana. As disposições se encontram no Capítulo III da Lei número 12.228, de 20 de julho de 2010.

## **Os sacramentos da Umbanda**

Além de rituais ligados ao desenvolvimento do médium, limpeza espiritual e iniciação na Umbanda, a

tradição realiza alguns sacramentos que são parecidos com os da Igreja Católica, quais sejam o casamento, o funeral e o batismo.

Qualquer um que deseje casar na Umbanda, mesmo sem ser umbandista, tem direito ao sacramento. A cerimônia pode ser realizada tanto pelo pai ou mãe de santo – o responsável pela casa -, quanto pelo guia espiritual líder da casa – o chefe do gongá.

O funeral normalmente é realizado pela pessoa que lidera o grupo de Umbanda, mas o cerimonialista pode mudar de acordo com a condição do morto, se é umbandista, iniciado na Umbanda, ou não.

Crianças e adultos podem se batizar na Umbanda. O batismo é sempre realizado pelo chefe da casa. Mesmo quem não é umbandista, pode usufruir do batismo que não é restrito aos filhos de santo.

Os demais sacramentos da Umbanda dizem respeito aos graus de iniciação dos médiuns da casa:

**Feitura:** é o ritual de iniciação na Umbanda. Compreende vários rituais de limpeza, seguidos de recolhimento, com isolamento, em um cômodo do local onde é realizada a feitura, geralmente no próprio terreiro do grupo umbandista. A reclusão varia de 3 a 7 dias, de acordo com o Orixá da pessoa, entre outros fatores que

são considerados pelos umbandistas. O ritual se assemelha ao de iniciação no Candomblé.

**Coroação:** destinada aos médiuns que já realizaram feitura e que possuem a missão de zelar pela Umbanda. Na tradição, aquele que trabalhará pela Lei da Umbanda, fortalecendo a tradição entre os umbandistas e apreciadores da religião, e trabalhando por aqueles que solicitam ajuda por enfrentarem problemas pessoais ou espirituais.

**Amaci:** ritual de lavagem da cabeça do médium desenvolvido, com ervas e outros elementos rituais. É realizado com o intuito de preparar o médium para a incorporação de seu guia protetor de Umbanda. O guia se manifesta no amaci e diz qual o trabalho que aquele médium deverá desenvolver no dia-a-dia da prática da tradição.

**Confirmação:** realizado no 21º aniversário do jovem que trabalha como médium em um grupo de Umbanda, e que já realizou o amaci.

**Deitadas:** ritual em que o médium da casa é recolhido com oferendas para o seu Orixá e exus para fortalecer a sua mediunidade.

## **A gira na Umbanda**

Há dois anos vivenciei meu primeiro contato com entidades da Umbanda, em uma gira da Casinha Pequenina, grupo de São Paulo (SP). A reunião lembra um pouco domingos em família, tradicionalmente brasileiros. Momento em que os netos sentam com os avós, para uma conversa regada a café, os primos adolescentes se reúnem para compartilhar suas conquistas e seus problemas amorosos e os mais jovens pedem aos mais velhos, orientações sobre assuntos da vida que ainda conhecem muito pouco, ou absolutamente nada. Substitua os avós, por pretos velhos, as primas, por pombagiras e exus, e os experientes por caboclos. Essas são as principais entidades da Umbanda, encontradas com maior frequência nos terreiros.

Cheguei à Casinha Pequenina através de uma capixaba, doutoranda em educação, de uma universidade da capital paulista, que hospedei em meu apartamento a pedido de amigos. Uma fonte de informação que apareceu “de bandeja” na porta da minha casa e foi responsável por todas as minhas vivências na Umbanda, na capital paulista.

Umbandista desde criança, e cambona há mais de um ano, ela frequenta um grupo de Umbanda,

com traços kardecistas, em Vila Velha (ES). Conteí a ela sobre minha história de contato com o Preto Velho e Maria Padilha, mediado por minha amiga, em Belém (PA), e confessei-lhe meu interesse em conhecer a Umbanda. Por esse motivo, estava procurando um grupo para iniciar essa experiência. Casualmente, um de seus colegas de turma da pós-graduação é pai de santo. Ela, então, nos apresentou. Um mês depois, de posse de saia longa e descalça, junto com cerca de 20 pessoas, estava cantarolando pontos e batendo palmas. Foi a minha primeira gira.

Em uma tarde de sábado, cheguei ao endereço combinado com o Pai de Santo: um apartamento térreo, localizado próximo ao metrô Marechal Deodoro. Surpresa de que a gira aconteceria ali mesmo, na sala, dei o primeiro passo do meu processo de resignificação da Umbanda: não é necessário um terreiro para os umbandistas manifestarem sua fé. Meus conhecimentos, colecionados em período anterior ao contato direto com um grupo umbandista, estavam sendo revistos.

Até um ano atrás, as reuniões da Casinha Pequeninina ocorreram ali, na sala do apartamento. Mas há um ano as giras passaram a ser realizadas em um sítio localizado na Serra da Cantareira. Projetado para ser o terreiro do grupo, o sítio possui um barracão onde são realizadas as giras e um pequeno cômodo com banheiro

onde são guardados roupas e objetos usados pelas entidades, além de ingredientes utilizados na preparação de oferendas, ebós<sup>26</sup> e o que mais for necessário à prática da tradição religiosa. O sítio também tem a casa principal, onde o Pai de Santo e os filhos de santo passam a noite quando as giras entram pela madrugada, fazem refeições, confraternizam, pois também são amigos, além de irmãos de santo.

Até que fosse dado início à minha primeira gira na Casinha Pequeninha, aguardei a chegada dos demais participantes, enquanto observava, do sofá, os preparativos que ocorriam na cozinha, estilo americana, conurbada com a sala de estar. Naquele momento, iniciei meu processo de apuração, cujas informações, várias delas, compartilhei até agora. Uma investigação que já dura mais de dois anos.

O Pai de Santo e alguns filhos de santo cozinhavam e preparavam os chás, café e doces a serem consumidos pelos pretos velhos e erês que nos visitaram naquela noite. Apenas podem manipular esses alimentos, umbandistas preparados para tal atividade.

---

<sup>26</sup> Termo africano, iorubá, que consiste em um arranjo feito com animais sacrificados, frutas e outros ingredientes para limpeza espiritual da pessoa para quem se faz o ebó, montado durante um ritual. O ebó é um elemento mais comum no Candomblé.

A produção e organização da gira é semelhante à de uma confraternização: tudo é arrumado primorosamente como se fosse véspera de Natal, ou do Círio de Nazaré. O propósito de tanto esmero é fazer um agrado às entidades e agradecê-las pela ajuda espiritual que prestam aos frequentadores assíduos e esporádicos das giras.



Ervas para banho de médiuns e cambonos.

Foto: Andressa Malcher



Umbandista prepara banho de ervas no terreiro Casinha Pequena, na Serra da Cantareira, em São Paulo (SP).



Fotos: Andressa Malcher



Casinha Pequena: na cozinha, umbandistas preparam as comidas oferecidas às entidades. Foto: Andressa Malcher.

## **A relação entre os umbandistas e as entidades**

Durante o desenrolar das giras, sempre assumi principalmente o papel de observadora daquela realidade até então totalmente estranha. Chamou-me logo atenção a simplicidade dos umbandistas no trato com as entidades - caboclos, pretos velhos, erês, pombagiras e exus, entre outras entidades que se manifestavam. Tratam-nos sem nenhum gesto exagerado de adoração. O relacionamento deles com essas entidades é marcado por profundo respeito e admiração a elas que, para os umbandistas, se fazem presente com o objetivo de ajudar aquelas pessoas a encontrar o bem-estar, o equilíbrio.

O carinho com o qual os umbandistas tratam as entidades demonstra o grande respeito que todos têm por elas. Isso é notório nos cumprimentos e saudações de joelhos, com o levar da testa ao chão, posta próximo aos pés do médium incorporado, no cuidado do preparo das oferendas e das comidas servidas às entidades, na alegria com a qual essas pessoas recebem esses espíritos, cantam e dançam junto a eles, algumas vezes com lágrimas nos olhos.

Segundo um pai de santo que entrevistei em Vila Velha (ES), o relacionamento entre a entidade e seu consulente, contribui para a evolução espiritual de ambos,

pois o trabalho desenvolvido na gira proporciona bem-estar para o umbandista e, ao mesmo tempo, maturidade e desenvolvimento espiritual à entidade que o realiza. Ao cumprirem sua missão, as entidades evoluem para outro plano espiritual e nunca mais se manifestam nas giras. Isso ocorreu nesse grupo umbandista de Vila Velha (ES), que conheci durante minha pesquisa de campo.

A cambona do grupo (a capixaba que me apresentou ao Pai de Santo da Casinha Pequeninina) me contou o fato que ocorreu com sua tia, médium desde jovem, atuante nessa mesma comunidade umbandista. Durante muitos anos, a tia incorporou uma entidade que se identificava por Sierra Camino. Em um determinado dia, ele decidiu não mais se manifestar.

“Toda vez que uma entidade vai embora, como se diz, é uma dor muito grande. Minha tia quase teve um ‘piripaque’. É como se fosse uma segunda morte”, descreveu a cambona.

Um exemplo claro de vínculo emocional intenso entre umbandistas e entidades. O medo da próxima perda vem deixando o grupo aflito. Há três anos,

o chefe do gongá<sup>27</sup>, Burê (líder espiritual desse grupo de umbandistas), deixa sua liderança em posse de outra entidade, no mês de novembro, quando inicia seu retiro espiritual. Até 2012, a ausência foi interrompida na gira do dia 31 de dezembro, momento em que ele retomou a liderança no grupo. A cambona e os demais irmãos da casa já aguardam esse retorno angustiados, assumindo a possibilidade de Burê não mais voltar.

“Já percebemos nele uma elevação espiritual tal que talvez Deus já possa ter outros planos reservados para ele. Ficamos na torcida: ‘por favor! não deixa a gente ainda não!’. Acho que isso (a relação de apego) acontece também porque as pessoas que frequentam o gongá têm uma relação familiar. São irmãs, pais e filhos, marido e mulher, não existe pessoas que não se conheçam na intimidade”, explicou.

Segundo a cambona, Burê foi um menino índio em sua última encarnação. Sua mãe o trocava por

---

<sup>27</sup> Como é chamado o altar da Umbanda. Também uma metonímia que faz referência à comunidade espiritual ligada a um determinado grupo de umbandistas.

dinheiro, permitindo que as pessoas que pagassem por ele, lhe usassem.

“Ele foi uma criança muito sofrida. Lembro quando conheci Burê. Ele gritava, xingava todo mundo. Era muito agressivo. Quando falávamos em figuras maternas, ele manifestava ódio, nojo. É um espírito que, nesses anos que eu frequentou o grupo, teve uma evolução assombrosa, tanto que hoje ele é chefe do terreiro”, contou-me a cambona.

### **Pontos importantes sobre a gira e a Umbanda**

Assim como eu, na época em que passei a frequentar as giras da Casinha Pequeninha, grupo umbandista de São Paulo (SP), alguns de seus integrantes tinham pouco conhecimento sobre rituais, pontos, como se vestir para a gira e também sobre as oferendas. Isso acontece porque é comum frequentar o grupo, além dos filhos de santo, seus amigos, ou conhecidos, que procuram o terreiro por diversos motivos, sempre relacionados a uma necessidade de orientação sobre alguma dificuldade que vivem naquele momento.

O pai e a mãe de santo, umbandistas mais experientes, são responsáveis por ensinar aos seus filhos de santo e aos novatos, as particularidades da tradição daquele grupo umbandista. A oralidade é, portanto, ferramenta importante para a preservação da cultura da Umbanda.

Há umbandistas que, preocupados com o registro do conhecimento da tradição religiosa, escrevem livros apresentando a Umbanda, explicando quem são suas entidades, o que são os pontos, as giras, os Orixás e inclusive discorrem sobre conhecimentos mais específicos ligados à espiritualidade. Consultei alguns desses registros para escrever esse livro-reportagem. A interpretação desses escritores umbandistas sobre a tradição religiosa contribuiu para uma compreensão minha mais completa desse universo, pois, antes de fazer essas leituras, colecionei depoimentos de pais de santo, cambonos, médiuns e de frequentadores de terreiros que não necessariamente são umbandistas. Também consultei a literatura de pesquisadores e estudiosos do tema, com o objetivo de ter acesso a um olhar científico sobre essa realidade.

Outro ponto importante no meu processo de apuração foi a construção de uma relação de confiança com o Pai de Santo da Casinha Pequeninina, o que me permitiu a liberdade de lhe fazer perguntas sobre esse

universo, principalmente no momento de preparação da gira e após a sua realização. A confiança que conquistei dos filhos da casa também me proporcionou a autonomia de lhes fazer perguntas que nasciam, principalmente, de uma curiosidade minha de compreender a relação dos umbandistas com aquele universo simbólico de imagens, pontos, indumentárias, decoração, gestos e demais elementos visuais significativos.

A cada gira, colecionei informações importantes que diminuía um pouco mais em mim a angústia de compreender essa realidade. Tratava-se de uma necessidade parecida a de um estrangeiro que deseja se alfabetizar na língua do país que escolheu desbravar, com o objetivo de se integrar naquela sociedade. Do mesmo modo, eu precisava me alfabetizar na Umbanda.

Algumas informações são importantes para se compreender a gira. Nas reuniões da Umbanda, você sempre encontrará médiuns – pessoas que incorporam a entidade, intermediando o contato entre o mundo material (a Terra) e o mundo das entidades; o cambono – aquele escolhido pela própria entidade para assessorá-la durante a gira; e outros umbandistas que não são cambonos e nem médiuns, mas que frequentam as giras para renovar as energias, rezar, agradecer por uma graça alcançada e, principalmente, conversar com as entidades sobre assuntos particulares e usufruir de suas presenças.

Médiuns e cambonos são os sujeitos atuantes da Umbanda, responsáveis pela viabilização dos rituais, ou seja, a realização das giras. Somam a esse grupo as sambas e ogãs, mulheres e homens, respectivamente, encarregados de “animar” os pontos cantados, “puxando” as canções e convidando aos presentes fortalecerem o coro. Os ogãs também são os responsáveis por tocar os atabaques, instrumentos percussivos que acompanham quase toda a gira, mesmo quando não são cantados pontos.

Na cultura africana, as frequências das batidas dos tambores viabilizam o transe mediúnico, assim como o ritmo dos maracás (chocalho indígena, decorado com penas) e afoxés (formado por uma cabaça redonda coberta por uma rede de bolinhas ao redor de seu corpo). Veja na próxima página, a fotografia de um instrumento percussivo, viabilizador do transe, utilizado na Casinha Pequenina.



Iruke: instrumento auxilia na viabilização do transe, acompanhando o ritmo dos pontos. Foto: Andressa Malcher.

Assim como o ritual de qualquer religião, a gira depende de prévia organização. As próprias entidades avisam aos médiuns sobre o tipo de gira que será realizada, dias antes da reunião – se para pretos velhos, caboclos e erês; exus, pombagiras e marinheiros (muitas vezes agrupados dessa forma). Esse contato é necessário para que os médiuns tenham tempo de

providenciar e organizar as roupas e acessórios, comidas, fumos e bebidas específicas de cada entidade que incorporam. O médium é responsável por esses preparativos.

Os cambonos colaboram lembrando aos médiuns o que deve ser comprado e preparado para as entidades que auxiliam. Mas a responsabilidade do cambono está concentrada, principalmente, durante a gira, momento em que seu trabalho é mais intenso, pois deve assessorar a entidade em tudo o que precisar e isso inclui lhe servir bebidas, comidas, ajuda-las com suas roupas e acessórios. Ao cambono, também é orientado providenciar um bloco de papel e caneta – geralmente chamado pelas entidades de “anotador”. Eles servem principalmente para registrar receitas de banhos e outras orientações dadas aos consulentes pelas entidades, durante a gira.

Os demais membros que não são médiuns e nem cambonos, são chamados não atuantes. Podem frequentar constantemente as giras, ou participar delas esporadicamente. Esse grupo é importante para a Umbanda porque integra o público de adeptos da tradição religiosa, entre os quais estão futuros médiuns.

A primeira vez dos adeptos da Umbanda em um terreiro ocorre porque foram convidados por algum filho da casa a conhecê-la, assim como aconteceu comigo

em São Paulo (SP). No meu caso, cheguei à Casinha Pequeninina com o objetivo de conhecer a fundo a Umbanda. Entretanto, o motivo da maioria das pessoas que vai a um terreiro pela primeira vez é geralmente buscar ajuda para resolver um problema de difícil resolução, motivados por um relato de experiência positiva de alguém com entidades da Umbanda, geralmente ocorrido em determinado terreiro. Veem na tradição religiosa uma possibilidade de mudarem a sua realidade para melhor. Convidadas por um filho de santo, ou por algum umbandista não atuante, elas decidem conhecer o terreiro. Muitas vezes, se tornam mais um membro do grupo.

Os próprios umbandistas que entrevistei me disseram, com unanimidade, que a primeira ida a um terreiro deve ocorrer a convite de alguém. A pessoa tem que ser convidada a estar presente naquela casa. Essa rede de relações contribui inclusive para a construção de um vínculo de confiança, pois os próprios umbandistas reconhecem que alguns grupos utilizam a tradição religiosa para agir com má fé. Por isso é importante cautela na escolha do grupo tanto para evitar golpes financeiros, quanto para não ser induzido a interagir com espíritos que se passam por entidades, que podem provocar o mal.

Pesquisador do tema, Bento de Lima<sup>28</sup> afirma que, uma vez convidada a ir ao terreiro, ou a consultar determinada entidade, a pessoa já leva consigo uma boa predisposição para aceitar a dinâmica simbólica da magia umbandista. Quase sempre, a entidade que dá consulta, por diversos meios, acaba conseguindo transformar o visitante em consulente assíduo. Ele ressalta ainda que algumas pessoas, e não poucas, de diversas idades, condições sociais e sexos diferentes, deixam-se envolver psicologicamente de modo profundo e acabam por experimentar sintomas de transe. Esses sintomas são, a princípio, as extremidades do corpo frias, sudação, tontura e respiração ofegante. Pude comprovar de perto experiências que se enquadram na descrição do autor. Observei várias situações de transe de pessoas que não são médiuns iniciados na Umbanda, que desmaiaram ou quase incorporaram alguma entidade, fazendo movimentos corporais semelhantes a de quem está com forte embriaguez, cambaleando, de olhos fechados e com dificuldades de sustentar a cabeça. Esse caso é um exemplo claro da sensação de possessão.

---

<sup>28</sup> LIMA, Bento de. Malungo: decodificação da Umbanda. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

“É caracterizado (o transe) por uma eclipsação da vontade consciente e um irresistível impulso a movimentos semidesordenados do corpo”, explica o pesquisador.

Ele ressalta ainda que, embora dispensável, o ritmo dos batimentos dos atabaques e os pontos conferem certa ordem a esses impulsos desordenados. Conduzem ao que se pode chamar de uma coreografia da possessão. Posteriormente, essa coreografia adquire uma diferenciação, conforme as diversas entidades que se manifestam. Os fenômenos não obedecem nenhuma regra fixa, senão a da aleatoriedade e da espontaneidade. Há pessoas que sentem essas vibrações desde a primeira visita, outras levam anos até que se manifestem os sintomas da mediunidade. Aquelas com a mediunidade mais amadurecida sentem quase que imediatamente os efeitos das energias presentes no terreiro e na gira.

Eu mesma, por diversas vezes, senti a presença de energias – como defino –, principalmente durante as giras que participei. Os umbandistas com os quais conversei, apontam em mim uma mediunidade que está em desenvolvimento. A mediunidade, segundo eles, é a proximidade que uma pessoa pode ter com o mundo espiritual (orum, na Umbanda), aquele onde estão

presentes energias, entidades, espíritos ou como queiram chamar. Ela funciona como uma espécie de canal de comunicação com esse universo.

Há pessoas com maior e menor proximidade do mundo espiritual. Quanto maior a proximidade, maiores são as sensações e mais intensas as experiências. Talvez essa mediunidade que apresento, segundo os umbandistas, tenha permitido meu maior contato com as entidades. Em todas as giras das quais participei, sempre me posicionei na condição de observadora, com o objetivo de colecionar informações visuais e sonoras que me permitissem compreender o universo da Umbanda. Conforme fui conquistando a confiança dos membros do grupo e, principalmente, do Pai de Santo, fui ganhando mais autonomia e liberdade para interagir com as entidades, de participar dos rituais e de me sentir um pouco parte daquele grupo. Mas desde a primeira gira em que estive presente, o grupo se mostrou bastante receptivo e as entidades me trataram como se eu fosse uma delas.

## **A gira de direita**

“Defuma com as ervas da Jurema. Defuma com arruda e guiné. Defuma com as ervas da Jurema. Defuma com arruda e guiné. Benjoim, alecrim e alfazema. Vamos defumar filhos de fé<sup>29</sup>.” Os irmãos de santos, liderados pelo Pai de Santo da Casinha Pequeninina, iniciaram a cantoria do ponto da defumação.

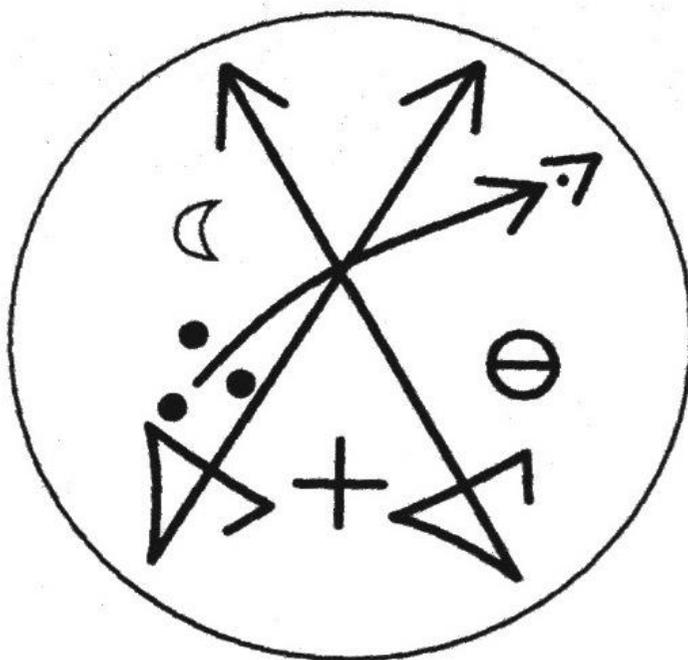
Foi o início da minha primeira gira, preparada para receber pretos velhos, caboclos e erês, entidades que integram a linha de direita da Umbanda e estão entre as forças do bem, chamados guias de claridade. De pé, formando um círculo, homens e mulheres, de jovens a senhores e senhoras, entoaram o ponto, enquanto o Pai de Santo – vestido com calça branca confortável, de camiseta da mesma cor e descalço -, espalhou a fumaça cheirosa, cujo aroma lembra incenso, em cada um dos que ali estavam, inclusive em mim, defumando com a fumaça todo o perímetro do corpo, exceto a região da cabeça. Uma preparação para todos os presentes se concentrarem em suas energias espirituais e se prepararem para o encontro com as entidades a serem incorporadas nos médiuns.

---

<sup>29</sup> Trecho de ponto da Umbanda, cantado no ritual de defumação da Casinha Pequeninina.

Aos poucos, os pontos conectam os médiuns a suas entidades, funcionando como uma corda jogada para o mundo espiritual, que puxa as entidades para a nossa realidade, paulatinamente, até que incorporem nos médiuns e interajam diretamente com os presentes. Um processo que é visível aos nossos olhos, pois vemos nos médiuns as transformações durante o transe, que precedem a incorporação. Explico melhor mais adiante.

Além dos pontos cantados, desempenham função parecida os pontos riscados, espécie de desenhos feitos no chão pelas entidades, quando incorporadas, com pomba, uma pedra de argila branca, vermelha ou de carvão. Eles estabelecem a abertura da gira e o contato com o mundo das entidades. Esses riscos são feitos dentro de uma circunferência, e devem ser representados como riscos de efeito mágico e não como uma escrita. Bentto de Lima explica que o espaço onde é firmado o ponto torna-se sagrado e por isso pode estabelecer um intercâmbio entre o mundo das entidades e o mundo material. Muitas vezes, as entidades realizam seus trabalhos com os consulentes, colocando-os sobre o ponto riscado no chão. Testemunhei isso várias vezes, inclusive o próprio ato das entidades de escrever os pontos no chão.



Pontos como esse são riscados no chão pelas entidades.

Os pontos cantados são entoados logo após o ritual da defumação. Nessa gira, cantaram pontos referentes aos pretos velhos, convidando-os a se fazerem presentes. Aos poucos, os médiuns incorporaram as entidades, que chegaram fazendo gestos peculiares, pronunciando melodias próprias a elas, falando de forma peculiar – pretos velhos falam mais suave, devagar, e os

caboclos são mais intensos em suas proliferações de palavra, dizem com força. Todos esses fatores permitem aos presentes, identifica-las. Caboclos e baianos (entidades que se manifestam nas giras de direita da Casinha Pequenina) costumam emitir bravos uivos, lembrando índios. Muitas vezes também pronunciam notas agudas prolongadas, demonstrando uma territorialidade traduzida em “chegamos! Estamos assumindo o controle”.

Um por vez, os pretos velhos e caboclos cumprimentaram cada um dos presentes com um gesto que combina uma espécie de abraço, com os movimentos semelhantes aos de quem cumprimenta alguém com “os dois beijinhos”, saudação tipicamente brasileira. Ao invés de encostar as bochechas, afasta-se e aproxima-se o peitoral, fazendo uma sequência de três abraços, ora com as laterais esquerdas da cabeça encostadas, ora as laterais direitas. Muitas vezes, o último abraço é prolongado, dependendo da proximidade e do afeto existente entre a entidade e o filho da casa.

O tom da gira muda conforme a entidade que a comanda, assim como o repertório de pontos, construído espontaneamente pelas entidades no decorrer da gira. Muitas vezes elas mesmas puxam o ponto a ser cantado e gostam de ouvir um coro consistente dos presentes. Os pontos cantados geralmente têm letras

curtas, com linguagem simples e melodias fáceis. As letras contam uma história, ou falam sobre situações relacionadas à Umbanda e às entidades. Por esse motivo, conseguimos aprende-las enquanto são cantadas na gira. As duas ou três estrofes dos pontos são repetidas inúmeras vezes, acompanhadas de palmas e instrumentos percussivos, até que uma entidade ou a pessoa responsável por puxar o ponto, cante outro diferente. Do ponto de vista cultural, os pontos são literatura oral atuante como importante fonte de informação. Compreende-se muito sobre a Umbanda e as entidades a partir dos pontos cantados.



Casinha Pequeninã: no barracão, flores ornamentam o ritual da gira de direita. Foto: Andressa Malcher.

Certa vez, quando incorporado em um médium da casa, Exu Tiriri se irritou e brigou com todos nós porque não cantávamos os pontos “puxados” por ele. Isso não aconteceu por má vontade do grupo. Acontece que a fala do Exu Tiriri é muitas vezes incompreensível por ele ter o costume de emendar muito rápido uma palavra à outra, pronunciando-as para dentro do seu corpo, ao invés de propagar o som no ambiente, fazendo-o chegar até as pessoas. Importante pontuar que as giras envolvem muita informação sonora, portanto é necessário empostar a voz para conquistar a atenção do grupo. Por esse motivo, não compreendíamos a letra do ponto e, portanto, não cantávamos.

Os pontos cantados pelo grupo convidaram a presença dos pretos velhos e caboclos e, depois que chegaram, foi celebrada as suas presenças. As giras de direita são principalmente destinadas a consultas. Os pretos velhos sabem dos problemas vivenciados por aquelas pessoas ali presentes e sempre tratam os consulentes de maneira meiga, com simpatia e tolerância. Sentados em um banquinho de madeira, com fumo preso aos lábios e canequinha de café na mão, os pretos velhos começaram a chamar as pessoas a serem consultadas, uma por vez, apontando para elas e as convidando a ajoelhar à sua frente. Geralmente, o contato começa com

um passe, uma benzedura com arruda, entre outras ervas, dependendo do tipo de energia negativa que o consulente traz consigo.

O olhar dos pretos velhos parece atravessar o corpo da pessoa e enxergar a alma, pois falam detalhes íntimos da vida delas, sem que elas digam uma palavra a respeito. A partir dessas constatações, as entidades vão desenrolando diálogos. As conversas culminam nas chagas de quem sofre e pede ajuda. Ali mesmo, eles solicitam aos cambonos os ingredientes que precisam para tratar o consulente. Costumam fazer banhos para a cabeça que eles mesmos viabilizam na hora da consulta, com auxílio de um alguidar e uma caneca. O tratamento pode demandar continuidade em casa, então requisitam ao cambono a anotação da receita. Especificam os ingredientes do banho e a frequência que o consulente deve toma-lo.

Os pretos velhos estão sempre atentos às pessoas presentes na gira. Em uma ocasião na qual fui chamada pelo Preto Velho do Pai de Santo da Casinha Pequenina (cujo nome o médium desconhece), ele me deu o passe e, ao final da gira, depois de ter atendido todos aqueles que demandavam seus cuidados, se dirigiu até mim, tirou sua guia do pescoço e me deu:

“Ponha no seu ‘dormidor’ e me traga na próxima vez” e colocou a guia no meu pescoço.

Pendurei-a na minha cama onde ficou por quase dois meses até arrebentar. Devolvi-a ao Pai de Santo, médium daquele Preto Velho, e ele me disse:

“Preto Velho terminou o trabalho. A guia arrebentou porque tinha energia negativa ali. Deveria estar carregado”, falou em tom de brincadeira. Chamou sua cambona e pediu-lhe que refizesse a guia.

Os caboclos trabalham de maneira parecida. Enquanto o trato dos pretos velhos com as pessoas costuma ser mais carinhoso, afetuoso, demonstrando preocupação com o outro, os caboclos são mais objetivos. Abordam a pessoa diretamente e dizem o que devem fazer para alcançar determinado motivo.

Certa vez, estava em uma gira de caboclos, quando fui pega de surpresa por um deles, incorporado em sua médium. Era um índio corajoso, determinado, com perfil de guerreiro, cujo nome não recordo. Abordou-me, deu-me um coco e disse:

“Quebra e joga a água na entrada da tua casa. Gosta da massa de dentro? Come. Vais precisar de força e proteção”.

Quando incorporados nos médiuns, o contato deles com as pessoas pode ser breve, diferente dos pretos velhos, cujas consultas chegam a durar longos minutos. Os caboclos também são responsáveis pelos grupos de Umbanda que lideram. São eles que geralmente estabelecem o primeiro contato entre o mundo material (a Terra) e o mundo espiritual, das entidades, e o fazem principalmente através dos pontos riscados. Eles também ficam atentos à segurança espiritual da gira, protegendo os presentes de espíritos que não sejam bem vindos ali, pois pode acontecer de algum espírito obsessor incorporar em alguém ali presente. Quando isso acontece, os caboclos trabalham para mandá-los embora e preservar a integridade da gira, como já presenciei certa vez. Toda a atuação das entidades sobre as quais me refiro, ocorrem quando elas estão incorporadas em seus médiuns.

Nas giras de preto velho e caboclos, da Casinha Pequeninina, depois que as entidades realizam os trabalhos a serem desenvolvidos naquela noite, chega o momento de incorporação dos erês.

“Papai me mande um balão com todas crianças que tem lá no céu. Papai me mande um balão com todas crianças que tem lá no céu. Tem doce, papai. Tem doce, papai. Tem doce lá no jardim. Tem doce, papai. Tem doce, papai. Tem doce lá no jardim<sup>30</sup>.”

Os filhos da casa puxam o ponto das crianças, emendando uma dança e palmas que dão o ritmo da canção. Os erês chegam com o apetite tipicamente infantil: famintos por brincadeiras. O cenário da gira se transforma em festa de criança, com muitos doces, balas, bolos, refrigerantes e comidas da culinária nordestina, as favoritas de Ofazinho, o erê do Pai de Santo da Casinha Pequena. Os médiuns se vestem como crianças, pois logo que incorporam, as meninas pedem seus laços e que lhes amarrem os cabelos com tranças e marias chiquinhas. Costumam brincar com chupetas e outros objetos infantis.

---

<sup>30</sup> Ponto cantado em homenagem às crianças.



Arranjo feito em homenagem aos erês da Casinha Pequeninina. Foto: Andressa Malcher.

O que me chamou atenção na presença dos erês é certo desinteresse de parte das pessoas pela presença das crianças. Notei uma dispersão. Boa parte dos presentes, na minha primeira gira de direita, se dirigiu à cozinha, onde conversava sobre assuntos alheios à gira. Por um tempo, dividi meu olhar entre eles e as crianças

que viravam a sala daquele apartamento de cabeça para baixo, com tanta brincadeira. Fui chamada para sentar com eles ao chão. Pediram-me que eu escolhesse três doces. Peguei bombons de chocolate quando uma das crianças chamou Ofazinho e apontou para mim, caçoando:

“Ela só escolhe os melhores, olha!”. Eu ri. “Leva ‘pra’ ti comer na tua casa, quando tu precisares de força”, me orientou o mesmo erê que havia brincado comigo.

Assim o fiz, seguindo as orientações como se fosse prescrição médica. Em seguida, pegou um punhado de doces e me entregou:

“Esses aqui, leva para a sua amiga (disse o nome da capixaba que me apresentou ao Pai de Santo da Casinha Pequenina)”.

Fiquei surpresa quando ele disse isso tanto quanto ela, quando eu lhe entreguei o presente, dando o recado.

As crianças são entidades que também estão ali para ajudar as pessoas. Embora se comportem como crianças, quando incorporadas nos médiuns, também têm sua função espiritual e demonstram serem conscientes de

seus deveres e objetivos. Além das entidades que se manifestam a partir dos médiuns, outras se fazem presente nas giras sem a incorporação, mas apenas algumas pessoas com habilidade mediúnica da visão, podem nota-las.

Em outra ocasião, também em uma gira de erê, estava sentada ao lado de uma cambona, conversando, enquanto as crianças comiam e bebiam. Uma delas chegou à nossa frente e ficou conversando alegremente com alguém que estava atrás de nós. Nossa reação foi a mesma. Viramos as duas, praticamente juntas, para ver do que se tratava. Então a menina disse enquanto acenava:

“É meu irmão que está ali, mas vocês não podem ver”. Sorrimos.

Acontecimentos como esses que relatei, despertaram ainda mais em mim o interesse em pesquisar sobre a Umbanda. Um detalhe importante sobre a gira das crianças: elas dividem com todos as comidas e doces que ganham de presente, todos são arrumados caprichosamente em uma mesa, da qual elas podem se servir à vontade.

A cada mordida e gole que damos, fazemos um pedido ou agradecemos. Esse é um ponto importante

a se observar, pois assim como em missas e cultos evangélicos, é realizada a comunhão, mas de forma diferente. A Umbanda tem o seu momento de partilha com todas as entidades. Não com hóstia, ou com pão consagrado, mas com farofa à base de óleo de dendê e miúdos, frutas, chás, vinho e outras bebidas alcoólicas.

Há outros aspectos em comum entre a Umbanda e as tradições religiosas cristãs. Já presenciei inícios de giras precedidas de Pai Nosso e, em várias delas, se fez menção explícita a Deus e, principalmente, a Jesus Cristo. Mas, no entendimento dos umbandistas, Deus está presente na natureza. Muitos símbolos da Umbanda e do Candomblé estão ligados aos quatro elementos: terra, água, fogo e ar.

As entidades constituem parte de um todo que é o mundo dos espíritos da Umbanda. São divididas entre a linha da direita, que pratica exclusivamente o bem, e da esquerda, que pode também praticar o mal. Pretos velhos e caboclos são entidades que trabalham na linha da direita como disciplinadoras, como define o pesquisador Bento de Lima. Atuam enquanto orientadoras espirituais. Os caboclos, principalmente, são responsáveis pela manutenção da ordem durante a corimba<sup>31</sup>, observando o transe dos médiuns iniciantes, que estão desenvolvendo a capacidade de incorporar entidades, repreendendo suas

---

<sup>31</sup> Canto em homenagem aos orixás ou para invocá-los.

entidades quando necessário, pedindo a elas que partam dali. A atuação dos pretos velhos, segundo o pesquisador, está focada mais na orientação e aconselhamento dos consulentes. Dependendo do grupo de umbandistas, da região onde estão localizados, o grupo de entidades que recebe, muda. Há aquelas que atuam especificamente em determinadas regiões e elas mesmas sabem disso. Certa vez, conversava com a Pombagira Eleonora, entidade do Pai de Santo da Casinha Pequenina, quando falei a ela sobre a Maria Padilha. Ela me disse: “essa daí só trabalha lá na tua terra, lá ‘pra’ cima”. Foi a primeira vez que identifiquei a consciência espacial de territorialidade de uma entidade. Outra vez, Eleonora também pediu que lhe desse de presente um colar da sua cor, verde, mas que eu trouxesse de lá, da Amazônia. Assim o fiz durante a primeira viagem para Belém (PA) depois dessa conversa.

Importante lembrar que pretos velhos, caboclos e erês são grupos de entidades nos quais há várias personalidades da Umbanda. São vários pretos velhos, caboclos e erês que, muitas vezes, se identificam por seus nomes. Na linha de direita, esse foi o grupo de entidades com o qual tive contato na Casinha Pequenina, o grupo de Umbanda que acompanhei com maior frequência. O grupo também recebe marinheiros, mas não presenciei a manifestação de nenhum deles.

Abaixo, listei as entidades, apontando sua área de atuação no universo da Umbanda. Em seguida, também relatei os umbandistas, especificando sua esfera de atuação, para a melhor compreensão sobre seus papéis na Umbanda.

As entidades da Umbanda e suas funções:

	<b>Pretos Velhos</b>	_São acolhedores e sábios. Exercem a função de aconselhar e orientar seus consulentes, assim como receitar banhos e outros remédios para tratamento espiritual.
Linha de Direita (trabalha para promover o bem)	<b>Caboclos</b>	_Sua função é conectar o mundo material ao mundo das entidades, utilizando para esse fim os pontos riscados. Auxiliam o desenvolvimento espiritual de médiuns iniciantes e trabalham pela preservação da integridade da gira. Também podem indicar remédios e receitas para

	<b>Erês</b>	<p>quem precisa de proteção.</p> <p>_Trabalham para realizar pedidos daqueles que participam de suas giras, assim como para afastar dessas pessoas suas energias negativas e abastecê-las de energia positiva.</p>
<p>Linha de Esquerda (trabalha para promover o bem e o mal)</p>	<b>Exus</b>	<p>_Protegem e defendem aqueles que lhe pedem proteção e também orientam aqueles com os quais têm um relacionamento de maior proximidade, por quem são procurados para aconselhamentos. São autorizados a trabalhar pelo mal para defender alguém que lhes solicita proteção, porque sofre um mal que foi provocado a desejo de um desafio.</p>

**Pombagiras** \_Conselheiras e ouvintes de causos amorosos. Trabalham para fortalecer relações de casais e para proteger do mal as vítimas de algum trabalho maligno feito com o intuito de prejudicar sua vida amorosa e a própria pessoa.

**Marinheiros** \_Auxiliam pessoas e espíritos necessitados com os recursos do mar e dos mistérios das águas. Os marinheiros são milhares de espíritos que viveram do mar, pelo mar e para o mar, dentro de embarcações, em suas últimas encarnações.

*Obs.: no entendimento da Umbanda e do Candomblé, os Orixás são extensões de Deus que atuam na Terra. Estão presentes na natureza. Em termos de nível espiritual, as entidades estão em um nível mais próximo à vida material (à vida na Terra), o que permite o contato direto entre elas e os seres humanos. Como expliquei no capítulo sobre a Umbanda, as entidades estão ligadas aos Orixás.*

Os membros da Umbanda e suas funções:

<b>Médiuns</b>	_Umbandistas preparados para incorporar as entidades. Alguns incorporam inclusive Orixás, dependendo do grupo de Umbanda.
<b>Cambonos</b>	_Umbandistas escolhidos pelas próprias entidades para auxiliá-las, quando incorporadas nos médiuns.
<b>Umbandistas que não são médiuns e nem cambonos</b>	_Participam das giras por motivos religiosos, para se consultar com alguma entidade, para renovar as energias, se livrando das energias ruins, a partir dos passes de pretos velhos ou de caboclos.
<b>Frequentadores esporádicos</b>	_Geralmente frequentam a gira, pontualmente, com o propósito de pedir ajuda e orientação sobre um problema pessoal. Muitos deles acabam por se tornar umbandistas.

## **A gira de esquerda**

A Umbanda faz distinção entre forças benéficas e maléficas. As giras de exus e pombagiras, consideradas na tradição religiosa como forças do mal, por serem autorizadas a praticar o mal (quando necessário), têm um tom totalmente diferente.

O primeiro traço caracterizante dessas giras: elas são principalmente realizadas tarde da noite e, muitas vezes, às sextas, por volta da meia noite. Velas pretas e vermelhas decoram o ambiente, somando-se às rosas vermelhas, às taças e às garrafas de conhaque, whisky, sidra, Martini entre outras bebidas alcoólicas. A gira ganha tom de festa conforme exus e pombagiras chegam enriquecendo o cenário com suas vestes bem ornamentadas, das cores de cada entidade. Eles percorrem todo o recinto, cumprimentando os presentes, tecendo comentários maliciosos, luxuriosos e debochados, conversando em particular e com todos ao mesmo tempo. As gargalhadas são constantes. As pessoas procuram as entidades para fazer perguntas particulares, sobre os assuntos já conhecidos de conversas anteriores por exus e pombagiras, Geralmente causos de amor e outras questões bem íntimas dos consulentes. Muitas vezes, essas conversas, dependendo da proximidade do

consulente com a entidade, dura longos minutos. Já presenciei o Exu Capa Preta dar lições de moral a uma consulente que persistia nos mesmos erros e reincidia nas mesmas queixas.

As pombagiras, sempre engajadas em causas do amor e da paixão, se animam em fazer macumbas – como elas mesmas dizem – para tornar as mulheres mais atraentes a seus homens. Também receitam procedimentos a serem feitos em casa, para apimentar a relação. Elas se engajam nessas atividades com muito entusiasmo, pois adoram encher suas meninas (como chamam as consulentes) com o poder da sedução. Algumas vezes realizam tais macumbas espontaneamente, sem que nenhuma mulher demande o trabalho.

O segundo traço marcante das giras de esquerda: lembram bastante qualquer festa de confraternização do Brasil. Quem cresceu na cultura brasileira, ou a conhece bem, compreende fácil sobre o que estou falando. A energia dessa gira abastece o espírito dos presentes de boas coisas e recarrega as baterias, levando embora as energias negativas, de homens e mulheres acostumados a uma rotina focada em compromissos, responsabilidades e problemas a serem resolvidos. O ambiente é familiar aos brasileiros não só pelas características do propósito social da gira, de reunir

peessoas que compartilham do mesmo modo de se relacionar com a fé e expressá-la, mas também por ser constituído de momentos de oração, reza e contato de cada um com a espiritualidade, além do momento de confraternização dos irmãos de santo e demais presentes, e de todos eles com as entidades. Há aspectos bem semelhantes às confraternizações de final de ano, por exemplo.

Os meus encontros com exus e pombagiras me proporcionaram várias experiências. Interações que jamais pensei que fosse vivenciar. Como costumo dizer, uma experiência antropológicamente interessante. De espectadora da gira, me tornei parte integrante do ritual dessas entidades de esquerda. Os pormenores? Conto no próximo capítulo.

## **Pombagira, o exu feminino.**

Luzes apagadas. Velas pretas e vermelhas iluminam o ambiente, permitindo serem vistas, à meia-luz, rosas vermelhas, taças e garrafas de bebida, além de pratos à base de aves, farofa feita com óleo de dendê e frutas. O banquete ornamenta a mesa, dando, à gira, o tom de festa. O som dos atabaques e os perfumes de ervas e flores preenchem o ambiente. Aromas combinados ao cheiro de fumo e dos tecidos dos trajes dos exus e pombagiras. É dado início a uma tradicional gira de esquerda.

Dependendo das características do grupo umbandista do qual pertence as pombagiras – se mais alinhado ao Candomblé ou ao Kardecismo -, o perfil das entidades pode variar. Mas essa constatação só foi possível depois que colecionei experiências com Dona Maria Padilha, em Belém (PA), com as pombagiras da Casinha Pequeninha, em São Paulo (SP), e da casa de Umbanda de Vila Velha (ES). Falo nas próximas páginas sobre todas elas.

## **Quem é Dona Maria Padilha.**

Os vários encontros que tive com Dona Maria Padilha, em Belém (PA), me forneceram as primeiras informações sobre o exu feminino. Ela se enquadra no perfil mais popular, conhecido até por aqueles que não são umbandistas: sensual (às vezes vulgar), faladora, festeira, vaidosa e apaixonada por acessórios – pulseiras, colares, batom etc. -, além de apreciadora da cor vermelha, fumo e bebida alcoólica. Sempre pedia à sua médium pulseiras e reivindicava pintura nos lábios.

Quando começou a incorporar Dona Maria Padilha, a médium, na época, com pouco mais de 20 anos, tinha transformado suas madeixas de longas a bem curtas, com um corte bem moderno, deixando seu pescoço livre. Durante uma das incorporações, a Pombagira se revelou aborrecidíssima com os cabelos que não cresciam, bem como com a falta de interesse de seu "cavalo" em pulseiras e batons vermelhos.

Em uma manhã de junho de 2013, durante minha pesquisa de campo, entrevistei a moça, hoje com 25 anos, em Belém (PA). Meu interesse era conhecer mais a fundo sua relação com Dona Maria Padilha, enquanto médium daquela entidade. Perguntei, então, como ela define essa pombagira:

“É uma mulher forte, muito sensual. Isso dá para perceber porque eu sinto isso em mim quando ela está perto. Eu sinto uma segurança. É essa a palavra. Sinto uma sensualidade. E quanto ela está (presente), dá coragem de fazer tudo. É como se eu pudesse fazer tudo. E, ao mesmo tempo, quando eu vou fazer alguma coisa que ela não aprovaria, eu sei. E ela não aprovaria ou porque não me faria bem ou porque não é o certo. Eu sinto que ela me protege e zela por mim. Absolutamente”, disse a médium.

O contato entre ela e Dona Maria Padilha ocorre independentemente de incorporação. É como se a entidade, algumas vezes, ficasse em seu entorno, agindo com o intuito de guardar e proteger a médium. Ao mesmo tempo, aproveita essa proximidade para pedir alguns agradados.

“Ela sempre me pede flores, rosas vermelhas. Já me pediu espuma (cerveja) e banho de mel (nesse caso, o banho é para a própria médium). De vez em quando, eu tenho que tomar banho de mel com umas essências de rosa. Se eu não fizer isso (a entrevistada me deu um olhar reticente, sinalizando que a falta do agrado pode gerar

algumas incomodações – não informou detalhes - por parte de Dona Maria Padilha que insiste até que o agrado seja feito).”

A médium acredita que sua formação Kardecista viabilizou tal proximidade entre ela e a entidade. A moça acredita que a Pombagira a acompanha desde a infância, tendo em vista alguns episódios passados, vivências que lhe levam a crer nisso, sobre as quais me confiou detalhes, entretanto, pediu-me que não escrevesse a respeito.

O seu primeiro contato direto com Dona Maria Padilha ocorreu há quatro anos. A médium começou a ter sentimentos intuitivos e até a ouvir vozes que lhe sopravam nos ouvidos nome de ervas e receitas de banho. Era um recado para que tomasse providências de proteção contra um trabalho maligno que lhe haviam encomendado. Em 2009, a moça enfrentava problemas pessoais e acredita ter ficado frágil espiritualmente. Naquele mesmo ano, durante uma viagem a Niterói (RJ), ela se hospedou na casa de umbandistas e teve contato direto com terreiros e práticas da Umbanda. Segundo ela, de alguma maneira, tal contato proporcionou uma conexão forte com essas energias, por consequência do alto grau de desenvolvimento de sua mediunidade.

“Percebo quando estou com alguma fraqueza espiritual. Eu começo a ficar meio perdida. Eu me sinto deprimida, sinto arrepios.” Parou de falar, ficou em silêncio e refletiu por um momento. “Aqui, atrás do pescoço, sinto um formigamento muito grande. No meio da minha cabeça, fica um anel latejando (apontou a região com as mãos).”

Sobre o primeiro contato com a Pombagira, ela lembra como se fosse um fato recente.

“Eu estava em casa e senti vontade de comprar uma vela, de acender uma vela de santo, de Nossa Senhora de Nazaré. Eu não estava entendendo essa vontade, mas fui ao supermercado comprar. É uma coisa meio esquisita, sabe (risos). No meio do caminho, veio um ‘negócio’, parece um estalo, porque é mais ou menos no ouvido, como se o que acontece contigo no presente, ficasse mudo. Tu só escutas o que não está nessa vibração energética. Parece um *flash* de luz. Sabe quando tu tiras foto? Que dá aquele *flash*, naquele momento? É mais ou menos isso. Aí eu escutei ela (Dona Maria Padilha) falar que

quem tinha mandado me avisar (sobre o trabalho maligno que havia sido preparado para ela) era uma pessoa do Rio de Janeiro e, de repente, eu não parei só de ouvir, como de ver o que estava acontecendo (ao meu redor). Eu fiquei parada e a minha cabeça doeu muito na parte da frente, no meio da cabeça. Aí eu vi um ‘trabalho’ feito, uma mulher loira, de costas para mim, e nesse trabalho tinha uma foto minha e do meu namorado (hoje, pai do seu filho). Aí eu voltei (retomou a consciência do tempo presente). Fiquei muito assustada com aquela visão e não entendi direito o que tinha acontecido.”

Depois desse episódio, a médium conta ter ouvido vozes que diziam “Maria Padilha mandou avisar”. As mensagens foram proferidas várias vezes, em um curto intervalo de tempo. Curiosa sobre essa mulher, a moça iniciou uma pesquisa sobre Maria Padilha, sua história. Então descobriu que se tratava de uma Pombagira.

Com o passar do tempo, lembra a médium, as incorporações da entidade saíram do controle.

“Quando Dona Maria Padilha ia se manifestar, era como se tivesse algo sugando a minha energia. Não é de todo uma coisa ruim porque, depois que a entidade sai de perto, eu sinto um alívio muito grande, como se ela tivesse sugado de mim tudo de ruim.”

A médium frequentou alguns terreiros com o objetivo de pedir orientações sobre como lidar com a entidade e se preparar para desempenhar a função de médium de Dona Maria Padilha e, principalmente, controlar a frequência das incorporações. Mas as experiências nesses terreiros foram negativas. Segundo relatou, se sentiu explorada em seus atributos espirituais.

“Tive algumas experiências com pessoas que quiseram tirar proveito da minha mediunidade. Elas me fizeram ter medo porque eu senti coisas que não eram boas e eu senti que não eram energias das entidades que costumam incorporar. Tem espíritos que são obsessores e se passam por essas entidades (da Umbanda). Eles aproveitam a oportunidade do meu contato com o mundo espiritual para se manifestarem e fingem que são elas (as entidades).”

A médium desconhece se Dona Maria Padilha é sua entidade “de frente”, como os umbandistas chamam a principal entidade que incorpora em um médium. Em cada terreiro que visitou, lhe falaram algo diferente sobre as entidades que a acompanham. No último que estive, segundo um pai de santo, sua entidade “de frente” seria Exu Veludo. Entretanto, Dona Maria Padilha foi quem se fez presente na maioria das vezes em que a médium incorporou. É também a entidade com a qual tem contato direto ainda hoje. Sem conhecimento nenhum sobre práticas umbandistas, aos poucos, a moça foi aprendendo sobre elas, auxiliada por Dona Maria Padilha.

“Com o tempo fui conhecendo sobre os banhos (cujas funções contribuem para a saúde espiritual, limpeza espiritual, entre outros aspectos). Durante esse período que eu comecei a ficar com medo, tomei um banho de sal grosso e as coisas melhoraram. Tomei também um banho de alecrim com alfazema e incenso. Eu sempre tomo esses banhos para melhorar a minha energia. Quando ela (Dona Maria Padilha) está se manifestando muito, ela suga a minha energia e é necessário dar um controle naquilo. Eu sei que eu preciso me

preparar espiritualmente para organizar essas incorporações, mas, às vezes (ficou em silêncio e interrompeu o raciocínio). Por exemplo, eu estou aqui e a minha cabeça está latejando. Tem espíritos em volta da gente. Esses espíritos mesmo são vampiros, se alimentam da energia da gente.”

Além de Dona Maria Padilha, a moça tem contato com Pombagira Cigana. A entidade se faz presente, sem incorporação, quando a médium joga o baralho cigano. Durante o contato com a entidade, a moça fica em uma espécie de transe consciente. Ela acredita que a relação de proximidade com a Pombagira Cigana ocorre em decorrência de sua sensibilidade aguçada, que lhe permite ter visões e prever acontecimentos.

A médium joga baralho cigano desde os 16 anos. Segundo ela, as cartas não podem ser compradas pela própria cartomante. Devem ser um presente. Ela ganhou sua primeira carta cigana de uma amiga, na adolescência. A carta vinha acompanhada de um livro sobre o baralho, que leu por curiosidade. As cartas foram jogadas no lixo pela empregada que era de outra religião. Passado alguns meses, a moça ganhou um novo baralho. A pedido de uma amiga, jogou a carta cigana.

“Quando abri a carta, eu vi tudo sobre ela. Comecei a ‘viajar’ no futuro dela. Vi o passado também. Não sei te dizer como é que eu via isso. Eu ia vendo essas coisas e ia narrando e descrevendo o que eu via. Eu só fiz isso.”

Tive um único encontro com Pombagira Cigana, que ocorreu um ano antes dessa entrevista. Ela é uma pombagira elegante, falante de um portunhol sensual sossegado, que demonstra tranquilidade, ao contrário da espalhafatosa e desbocada Dona Maria Padilha. Na ocasião, incorporada na médium, ela me confessou ser o guia que a orienta quando joga o baralho, mas a médium só tomou conhecimento da existência da Pombagira Cigana como sua entidade depois que passou a frequentar casas de Umbanda.

“Ela (a Pombagira Cigana) não é igual à Dona Maria Padilha. É uma relação diferente. Na Dona Maria Padilha, eu tenho maior segurança e confiança, não sei explicar. Eu tenho ela como uma aliada. Eu sinto coisas boas com ela. Ela me alerta, me protege, me defende.”

As experiências da médium com as pombagiras ocorreram, principalmente, em sua casa, ou em casa de amigas. Dona Maria Padilha costumava aparecer quando a moça se reunia com suas amigas, mãe e irmã, e incorporava na médium para conversar com as mulheres sobre seus casos de amor. Dava conselhos, proferia previsões e aproveitava para pedir um agrado como fumo, flores, cerveja e batons a serem deixados em encruzilhadas.

Desconfiada dos pais e mães de santo dos terreiros que frequentou, por lhe terem explorado a mediunidade, ela desistiu de buscar ajuda em outras casas de Umbanda para se desenvolver enquanto médium. Por esse motivo, coleciona ainda pouco conhecimento sobre a tradição religiosa e suas entidades.

“Tenho alguns questionamentos sobre as pombagiras. São elas entidades únicas, ou tem várias delas? Há várias Padilhas, por exemplo? Tem casas que eu frequento que a Dona Mariana (uma pombagira) me trata de um jeito, em outras, ela não me reconhece. Como assim ela não me reconhece se eu já tinha falado com ela em outra casa? Então qual é a verdadeira e qual não é? Há Maria

Padilha do Cabaré, Maria Padilha do Leque.  
Há várias. Uma legião.”

Tive esse mesmo questionamento quando iniciei minha investigação sobre a Pombagira. O esclarecimento total dessas dúvidas, assim como o desdobramento do tema da manipulação de médiuns por espíritos obsessores e por alguns praticantes da Umbanda daria um novo capítulo desse livro-reportagem, com necessidade de outra investigação e imersão no tema para discorrer a seu respeito. Nessa reportagem, foquei no objetivo de apresentar o universo da Umbanda e da Pombagira, a partir do meu processo de apuração com umbandistas e nos terreiros, participando das giras. Sobre as diversas identidades do exu feminino, explico a seguir.

## **A Pombagira**

Toda Pombagira tem uma história. São as próprias entidades, quando incorporadas em seus médiuns, que revelam sua identidade e narrativas de quando foram vivas. Também informam aos umbandistas sua cor, bebidas e fumo favoritos. Essas informações, a pedido delas, são repassadas ao seu médium para que

providencie suas vestes e os ingredientes que deverão constar na próxima gira.

A líder espiritual da Casinha Pequeninina (SP), Eleonora, quando viva, pertenceu a uma comunidade cigana. Certa vez, durante uma gira, ela contou sua história. Cigana, foi prometida pelo pai a um homem, membro daquela comunidade, por quem não estava apaixonada. Por não querer se casar com ele, fugiu do seu acampamento e abandonou seu bando e familiares. Longe deles, deu o seu jeito de sobreviver e viveu histórias de amor com vários homens.

Desde que virou pombagira, depois que morreu, trabalha pelo amor e gosta de fazer “macumbas”, como ela diz, para deixar suas “meninas” (suas consulentes e participantes das giras) atraentes para seus homens. Eleonora gosta apenas de trabalhar pelo amor, como ela mesma diz, proporcionando o bem. Ela não permite, por exemplo, que as pombagiras da Casinha Pequeninina trabalhem com o objetivo de destruir um casal, porque alguém lhes pediu para atrair um homem ou uma mulher comprometida.

A história mais comum sobre uma pombagira é que a entidade é um espírito de uma mulher que, em vida, teria sido uma prostituta ou cortesã, de baixos princípios morais, com a capacidade de dominar os homens devido às suas aptidões sexuais. Foram amantes

do dinheiro e do luxo e todos os tipos de prazeres, além de terem colecionado muitos homens em suas aventuras amorosas. Todas essas características são visíveis nas pombagiras, quando incorporadas. Como relatei anteriormente, em algumas delas, essas características são mais intensificadas.

A entidade pombagira é cultuada tanto na Umbanda, quanto no Candomblé. O sociólogo e pesquisador de religiões afro-brasileiras Reginaldo Prandi, no artigo “Pombagira e as faces inconfessas no Brasil”<sup>32</sup>, explica sobre a origem da entidade. Segundo ele, é no Candomblé que a Pombagira tem sua origem. O culto da entidade é uma combinação de tradições europeias e africanas.

A palavra pombagira possivelmente derivou de Bongbogirá, o nome de Exu na língua ritual dos candomblés angola, de tradição banto. Na tradição dos candomblés de origem predominantemente iorubá (ritos Ketu, Efan, Nagô Pernambucano), explica Reginaldo Prandi, Exu, também chamado Egbara, é o mensageiro entre os orixás, responsável por estabelecer o contato entre eles e os homens. Tem a função de atender aos pedidos feitos aos orixás e punir aqueles que não cumprem com suas obrigações. O orixá Exu é

---

<sup>32</sup> O artigo consta no livro do autor, Herdeiras do Axé. São Paulo Hucitec, 1996, Capítulo IV, pp. 139-164.

representado com um tridente e suas cores são o preto e o vermelho e só trabalha por dinheiro. Devido a essa simbologia, Exu é sincretizado com o Diabo. Segundo o pesquisador, o nome Bongbogirá acabou por se restringir à qualidade feminina de Exu.

As pombagiras e os exus pertencem à Quimbanda, uma espécie de subgrupo da Umbanda no qual trabalham as entidades de esquerda, aquelas autorizadas a praticar o bem e o mal. Segundo o Pai de Santo da Casinha Pequeninina, as pombagiras de seu terreiro são desautorizadas por Eleonora, sua pombagira e líder espiritual da casa, a praticar o mal e a cobrar pelos serviços que realizam. A única condição em que se pratica o mal no grupo umbandista paulistano, é para defender alguém de outro mal. O mesmo acontece no grupo umbandista que conheci em Vila Velha (ES).

Ouvi o depoimento de vários umbandistas e simpatizantes da Umbanda, sobre pais e mães de santo cuja renda é proveniente de serviços de amarrações<sup>33</sup> e trabalhos para conseguir emprego e bens materiais. Eles relataram que esses terreiros trabalham com espíritos ligados ao Diabo. No entendimento deles (uma compreensão kardecista, válido ressaltar), são espíritos

---

<sup>33</sup> Como são chamados os trabalhos feitos com o objetivo de trazer para perto a pessoa amada, ou desejada, assim como para desfazer casais com o propósito de causar o mal a alguém.

obsessores, de baixa evolução espiritual, interessados em intervir para causar o mal, pois se alimentam espiritualmente disso. Embora se identifiquem por exus e pombagiras, simulam serem essas entidades. Os umbandistas com quem conversei reforçam que tanto os exus, quanto as pombagiras que frequentam seus terreiros, trabalham pela sua própria evolução espiritual, ajudando aqueles que lhes pedem orientação e apoio para lidar com seus problemas pessoais. Dependendo da frequência com que determinado umbandista ou visitante frequenta um terreiro, a consulta com as pombagiras pode ser bem íntima, de modo que as entidades chegam a ser diretas e bem específicas em suas orientações sobre determinadas situações, mencionado aspectos íntimos da vida do consulente. As pombagiras criam laços com seus consulentes (o contrário também acontece) e costumam chamar atenção publicamente deles quando escutam as mesmas queixas e constatam desobediência a suas orientações, sempre visando o bem estar dos umbandistas.

É comum o entendimento de que exus e pombagiras são mal educados, despudorados, desbocados e agressivos. Falam palavrões e vulgaridades. Esse perfil da entidade existe, de fato, mas não é a regra. Não entre exus e pombagiras com os quais tive contato. Exu Tiriri (marido da Pombagira Eleonora) e Dona Maria Padilha

são entidades que se enquadram nesse perfil, principalmente Tiriri. Costumeiramente impaciente e estressado. Presenciei várias cenas de estupidez gratuita do exu, cometida com umbandistas da Casinha Pequenina. Gestos de alguém enraivecido, seguidos de muitos palavrões proliferados em voz alta.

Dona Maria Padilha é mais indecente, posso assim dizer. Fala sobre sexo de forma vulgar e chega a constranger aqueles desacostumados com seu palavreado. Por esse motivo, as giras de esquerda são indicadas apenas para adultos, mesmo porque é um ambiente de festa com fumo e bebidas alcoólicas. Mas esses traços não são chocantes como parecem ser. Pelo menos a mim, nunca chocaram e nem incomodaram.

A regra, entre as pombagiras e exus que conheci durante minha pesquisa de campo, é de um perfil “socialmente aceitável”, considerando os padrões de comportamentos brasileiros, posso dizer, pois conversam com os umbandistas e frequentadores das giras sem ofendê-los, falando em tom de conversa, sem agressividade e sem proliferar palavrões ou expressões chulas. Falam sobre sexo abertamente, algumas vezes utilizando um palavreado sem pudor. Gostam de brincar com o assunto envolvendo os presentes, com comentários sarcásticos, bem humorados, do tipo daqueles que podem ser escutados em qualquer conversa com amigos íntimos.

Portanto, a maior parte dessas entidades de esquerda que conheci, não se enquadra nesse perfil repulsivo. Nas giras, pude observar que elas têm um repertório de assuntos compatível ao de adultos que viveram pelo menos 30 anos, ou seja, entendem sobre relações, sobre dificuldades da vida prática, como arrumar emprego, conviver com problemas familiares, de saúde e com sofrimento e outras dores da alma. Por esse motivo, dão muitos conselhos sobre esses temas, à sua maneira.

Há quem diga que todos temem aos exus e às pombagiras (identifiquei que temem às entidades aqueles que conhecem o tema superficialmente). Ao contrário, o que pude perceber na relação entre os umbandistas entrevistados e essas entidades, é algo parecido ao sentimento de amizade. Sem romantizar a relação, observei essas interações procurando ser o mais objetiva possível. Constatei que a relação médium x pombagira e consulente x pombagira é algo muito próximo de uma relação humana: ambos interagem motivados por uma troca de interesse. As pombagiras e exus, de cumprirem seu papel e evoluírem espiritualmente, além de conseguirem seus agrados, como despachos, bebidas, fumos e oferendas, e os médiuns e consulentes, de descarregarem energias negativas, fazerem uma limpeza espiritual, avançar um pouco no amadurecimento espiritual e, principalmente, resolverem seus problemas

personais e conquistarem seus objetivos. As relações humanas são construídas na base da troca de interesses, seja ele de cunho profissional, comercial e emocional, pois mesmo que a interação interpessoal vise satisfazer o desejo de se sentir amado e ter a pessoa amada por perto, é, ainda assim, um interesse.

A Lei da Umbanda é muito semelhante à lei da vida. As relações na Umbanda envolvem ações e reações. Para cada escolha, há uma consequência. Cada tomada de decisão gera responsabilidades. Aqueles que não cumprem com seus deveres ou agem com imprudência, são penalizados, assim como ocorre no mundo em que vivemos. Por esse motivo, os umbandistas recomendam que é importante ter cautela ao se fazer um pedido para um exu ou para uma pombagira.

Por serem entidades consideradas por muitas pessoas como diabólicas, é comum se ouvir que ambos não merecem confiança e que olhar com reticência para as entidades, é um ato de segurança. Mesmo procurando me manter na condição de observadora, durante as giras, Eleonora – a pombagira da Casinha Pequenininha com quem tive mais contato - se dirigiu a mim várias vezes para conversar comigo sobre minha vida particular. A aproximação sempre era iniciada com questionamentos a respeito da minha saúde física e emocional, se eu estava bem, como estava minha vida. Sempre procurei responder

com poucas palavras, sem dar muitas informações, mas ela sabia por que eu estava ali, assim como conheciam os motivos da minha participação na gira de Vila Velha (ES), as pombagiras que conheci por lá.

Algumas vezes, Eleonora me presenteou com rosas, pedaços de galhos e receitas de banho. Orientações de procedimentos a serem realizados em minha casa, com o intuito de me proteger espiritualmente e me proporcionar bem estar. Assim como o trabalho para a promoção do bem contribui para a evolução espiritual da entidade e do consulente, aqueles que procuram a magia e o contato com exus e espíritos que trabalham com o mero objetivo de prejudicar alguém, atrasam sua evolução espiritual e distanciam as pessoas, exus e os espíritos de uma vida espiritual tranquila, pois na crença dos umbandistas, quem faz acordo com o Diabo, deverá prestar contas com ele após sua morte.

O universo da pombagira é constituído por diversas Padilhas, Ciganas, Marias, cujos traços remontam à imagem mais conhecida do exu feminino, qual seja a da cortesã, boêmia, mulher de muitos homens. Cada uma tem o seu jeito de vestir, seus pontos e símbolos. Algumas das mais conhecidas são Pombagira Rainha, Maria Padilha, Pombagira Sete Saias, Maria Molambo, Pomba Gira da Calunga, Pombagira Cigana, Pombagira do Cruzeiro, Pombagira Cigana dos Sete

Cruzeiros, Pombagira das Almas, Pombagira Maria Quitéria, Pombagira Dama da Noite, Pombagira Menina, Pombagira Mirongueira e Pombagira Menina da Praia. A lista foi elaborada pelo pesquisador Reginaldo Prandi.

Os trabalhos feitos pelas pombagiras, na maioria das vezes, têm que ser despachados em uma encruzilhada, orientação dada por elas mesmas após a conclusão da “macumba”, como elas chamam seus trabalhos. De acordo com Reginaldo Prandi, todas as encruzilhadas em forma de T pertencem à Pombagira. A Encruza-Maior, uma encruzilhada em T, em que cada uma das ruas que a formam nascem de encruzilhadas também em T, é onde reina a maior das Pombagiras, a Rainha, em respeito à qual nenhuma oferenda destinada a outras Pombagiras pode ser depositada ali, sob o risco de mortal castigo.

A seguir, falo um pouco sobre as pombagiras e seus perfis, entidades que conheci durante a minha pesquisa de campo.

## **Pombagiras têm perfis diferentes**

Nem todas as pombagiras apreciam adornos e lábios pintados. Algumas, inclusive, não manifestam sequer desejo de vestir as tradicionais roupas. É o caso das pombagiras que conheci em um terreiro de Vila Velha (ES), com traços do Kardecismo. Maria, Consuelo, Cigana do Oriente e Maria das Quebradas incorporam em três senhoras, médiuns do grupo.

Conheci as quatro pombagiras em uma gira comemorativa, em homenagem ao aniversário de Capitão Nesbirro, exu que incorporou pela primeira vez, no grupo, em um 15 de agosto e, por esse motivo, a data é considerada festiva. A gira é realizada também em celebração ao 13 de agosto, o dia do exu. Como a Umbanda enxerga a pombagira como o exu feminino, elas também são celebradas.

A cambona do grupo explicou que o exu Capitão Nesbirro é filho de Netuno e comandante de um barco onde moram pessoas desencarnadas (que já morreram), incluindo seus três filhos, de sua última encarnação. Entre os passageiros desse barco, estão também vários marinheiros, entidades que se manifestam em alguns grupos de Umbanda. Notei a presença de marinheiros principalmente em grupos do sudeste. As

giras de marinheiro, sempre que possível, são realizadas na praia. Quando incorporados, os marinheiros chegam cambaleando, com dificuldade de ficar em pé, por conta do balanço do barco e, aos poucos, recuperam a estabilidade do andar.

Na gira de Vila Velha (ES), conheci Barrica, marinheiro e cozinheiro do barco do exu Capitão Nesbirro. Em vida, Barrica foi pescador. Estava trabalhando quando encontrou uma criança no mar, um garoto com guelras, em vez de dedos. O menino-peixe foi a última encarnação de um filho de Netuno, pai do exu Capitão Nesbirro.

A gira de aniversário do Capitão Nesbirro teve a presença de outros exus. Entre eles, Zangado e Pinga Fogo, além dos exus mirins<sup>34</sup>Árico e Arico, gêmeos que incorporam no pai de santo do grupo. Árico é falante, gozador e tem ciúmes de seu gêmeo, Arico, o sábio. Arico tem o dom das palavras e, quando incorporado, aproveita para proferir sabedoria e orientar os filhos da casa sobre os desafios de existir e viver no plano material (na Terra). Ambos incorporam no médium ao mesmo tempo. Ora Árico, ora Arico. Também trocam

---

<sup>34</sup> Segundo a tradição da Umbanda, essas entidades são encantados (espíritos que nunca encarnaram, ou seja, que não viveram na Terra e, portanto, não morreram). Os exus mirins apenas incorporam em médiuns doutrinados e o fazem para ajudar pessoas a resolverem seus problemas. São brincalhões, travessos e extrovertidos.

ideias, um com o outro, enquanto estão conversando com o grupo.

Onde há exu, há pombagira. O pai de santo do grupo me explicou que as pombagiras são o exu feminino. Elas acompanham os exus e se manifestam nas giras de esquerda, realizada especificamente para recebê-los. Maria, Consuelo, Cigana do Oriente e Maria das Quebradas são as pombagiras que incorporam nas médiuns da casa. Elas têm um perfil bem diferente do de Dona Maria Padilha.

Maria e Consuelo incorporam na mesma médium. Maria é uma pombagira festeira e comunicativa, já Consuelo, é mais reservada, discreta, elegante e contida nas palavras. Maria das Quebradas é outra pombagira muito discreta, quase não fala. Quando profere algumas poucas palavras, o faz quase que como um sussurro.

Cigana do Oriente tem o perfil mais próximo do tradicional. É simpática e comunicativa. Gosta de conversar com os presentes e agradar as pessoas com quem interage. Nessa ocasião, distribuiu cerejas para todos. Coloquei a minha dentro do meu copo de bebida, assim como o fez a Cigana do Oriente.

Nas giras, os exus e pombagiras, quando incorporados, sempre convidam os presentes a se servirem dos comes e bebes preparados para eles, pratos de sua preferência. No caso dos exus e pombagiras do

grupo umbandista de Vila Velha (ES), as comidas preferidas são camarão, caruru, aves e carne de porco.

Segundo o Pai de Santo do terreiro, as pombagiras são entidades coadjuvantes da linha de esquerda, na qual a atuação protagonista pertence aos exus. As Marias, Ciganas e demais pombagiras seguem os exus para onde quer que eles forem. Nas giras, sempre se manifestam, incorporando em seus médiuns, depois dos exus.

Entrevistei a cambona do grupo para saber mais sobre as pombagiras que frequentam a casa e constatei diferenças com relação às pombagiras da Casinha Pequeninina (SP).

“Elas não têm roupa própria. Pedem pulseiras, um brinco, mas permitem às médiuns que os usem. As pombagiras da casa consultam muito pouco, mesmo porque não é o perfil do centro (a casa é pequena, com pouco espaço e destinada apenas aos irmãos do grupo, não é aberta ao público).”

O interesse por casos amorosos e bebidas, entretanto, é o mesmo.

“Elas são muito ligadas à sexualidade e à conquista. Por exemplo, quando eu avisei que ia casar, elas me chamavam para conversar sobre o assunto, empolgadas. Gostam de tomar bebidas mais finas, suaves, umas preferem Martini, champanhe”, contou a cambona.

Um detalhe importante sobre a entidade: segundo o Pai de Santo da casa, o exu feminino só pode incorporar em mulheres e jamais em homens. Não naquele terreiro, diferente em músicos aspectos em comparação aos que visitei em Belém (PA) e em São Paulo (SP).

As giras desse grupo umbandista de Vila Velha (ES) ocorrem em um cômodo de uma casa simples, localizada na periferia da cidade. O cômodo contém um longo banco que percorre as três paredes de seu perímetro. Lá se sentam os filhos da casa, enquanto aguardam o início da reunião, ou descansam entre a incorporação de uma e de outra entidade. Na quarta parede, foi montado o gongá (o altar), onde repousam velas, guias e a imagem de um índio, o caboclo Birajara, entidade que já se encontra em um estado espiritual elevado, que não permite incorporação, segundo me informou a cambona. Preso na parede, um quadro com

uma pintura de Burê, lembra quem é o líder espiritual daquele gongá. No chão, está o que eles chamam de “prainha”, uma espécie de altar térreo, com areia, onde ficam algumas imagens de Orixás e entidades.

Todos os filhos de santo do grupo usam roupas brancas. Blusa e calça para os homens, e blusa e saia para as mulheres. Nas roupas, há algumas letras cujo significado remete aos Orixás de cada umbandista.

Quando incorporadas em seus médiuns, as pombagiras não solicitam acessórios, roupas específicas ou batons. Algumas nem comem diretamente as comidas ou tomam as bebidas, pois dizem se satisfazer apenas com o gesto da oferenda do banquete. Os umbandistas da casa acreditam que isso ocorre porque já estão em desenvolvimento espiritual avançado.

Sobre a regra de que pombagira só incorpora em mulheres, constatei uma exceção. Assim como mulheres incorporam exus, há homens que incorporam a pombagira e a relação médium x entidade tem mais a ver com a entrega para esse fim do que com a compatibilidade sexual.

Na Casinha Pequeninina, terreiro de São Paulo (SP), para o qual dediquei mais tempo durante a minha pesquisa de campo, a grande maioria dos médiuns é de homens e vários deles incorporam pombagiras. Quando questionei ao Pai de Santo da casa se a incorporação das

pombagiras nesses homens tinha alguma relação com o fato deles serem homossexuais, a resposta foi negativa.

"Tem mais a ver com o fato da entrega do médium e dele se permitir a incorporar a entidade", explicou.

Segundo ele, as entidades apenas se manifestam no médium se houver permissão explícita e uma vontade indubitável de ceder o corpo como meio para aquela entidade se manifestar e se comunicar com o mundo material. Claro que a incorporação depende de um preparo espiritual, de modo a fortalecer espiritualmente o médium para o desenvolvimento dessa habilidade. As entidades demandam grande quantidade de energia do médium tanto para se conectarem a ele, quanto para permanecerem ali e realizarem seus trabalhos. Mesmo médiuns experientes podem ser afetados por desgaste físico intenso, dependendo do tipo de entidade ou Orixá que incorporam. Foi o que ocorreu com uma médium durante uma gira na Casinha Pequeninina. A cerimônia já chegava ao fim quando ela incorporou Oxum. Os orixás interagem nas giras através da dança. Após alguns minutos de intensos movimentos ao som dos atabaques, Oxum se despediu e deixou a médium visivelmente abalada fisicamente.

A Casinha Pequeninina é lidera por uma pombagira: Eleonora. Entidade de frente do Pai de Santo da casa, ela veste verde. É uma pombagira elegante, simpática. Uma boa anfitriã. Adora conversar com todos os presentes, sejam umbandistas ou entidades incorporadas. Sempre dá discursos sobre a conquista no amor, aconselhando a todos. Fala sobre sexo e adora relatar suas aventuras libidinosas. Faz questão de ressaltar que não é mulher de um homem só, e o diz pelas costas de Exu Tiriri, seu marido, como o identifica. Tiriri também incorpora em um dos médiuns do terreiro, e lidera a casa, ao lado de Eleonora. Quando incorporada em seu médium, usa roupa de cigana da sua cor, muitas pulseiras e colares, além de um perfume doce, com aroma de rosas.

Foi Eleonora quem pediu ao Pai de Santo que realizasse as primeiras reuniões da Casinha Pequeninina, ainda no apartamento do médium, próximo ao metrô Marechal Deodoro, em São Paulo (SP). Antes de formar seu próprio grupo umbandista, o médium frequentou um terreiro na capital paulista cujas atividades foram encerradas após o adoecimento e falecimento de seu pai de santo. Lá, ele soube que sua missão espiritual consistia em liderar um grupo umbandista. Mas até a fundação da Casinha Pequeninina, foram necessários alguns anos para

que o Pai de Santo tomasse consciência da razão de ser da sua mediunidade:

“Eu acredito que a minha função enquanto Pai de Santo é ajudar as pessoas a encontrar o bem, a proporcionar o bem estar espiritual”, disse.

Entrevistei o Pai de Santo em um final de semana que passei no terreiro, na Serra da Cantareira, para participar de um ebó, ritual de limpeza espiritual, praticado no Candomblé, realizado na Casinha Pequenina, que é um terreiro de Umbandomblé. Três filhos da casa participaram do procedimento.

Durante a entrevista, o Pai de Santo me contou que a fundação da Casinha Pequenina tem relação com a história de Eleonora em sua vida.

“Quando Eleonora começou a se manifestar nas reuniões que solicitava, cantava um ponto que falava sobre uma casinha pequenina, no alto de uma colina. Quando comprei o terreno do sítio (na Serra da Cantareira), terminamos a construção e vimos que o barracão (onde ocorrem as giras) é uma casinha pequenina que fica bem no alto da serra. Por isso demos

esse nome à casa. Então acreditamos que Eleonora já sabia que a casa seria construída”, explica.

Junto à Eleonora, outras pombagiras frequentam a Casinha Pequenina: Maria Aparecida, Cigana das Almas, Maria Molambo, Celeste, Maria Padilha das Almas e Aurora. São pombagiras que apresentam perfis diferentes. Algumas apresentam algumas características do estereótipo da entidade, outras falam muito pouco, passando a maior parte das giras bebendo e dançando, interagindo somente com outras pombagiras. Eleonora, a mais comunicativa delas, é quem percorre todo o espaço físico do barracão, fala em voz alta, interage com todos os presentes e promove rituais coletivos, envolvendo todas as mulheres presentes na gira, para que fiquem mais atraentes, sedutoras e possam dominar com sucesso os homens que passem por seus caminhos.

Nas próximas páginas, listei as pombagiras, informando suas cores, além de algumas características peculiares, que pude perceber enquanto estiveram incorporadas em seus médiuns, informações que coletei durante as giras.

**Maria Aparecida**

Tem um jeito mais discreto, fala mansa, é dengosa e, costumeiramente, usa bastante a interjeição “oxi!”, típica do povo baiano. É afetuosa e simpática. Sempre cumprimenta a todos com muito carinho.

Cores: vermelho e dourado.

**Cigana das Almas**

É uma cigana misteriosa, sensual e sombria. Está ligada à escuridão, à noite.

Cores: preto e dourado.

**Maria Molambo**

É uma pombagira que fala pouco. Fica a maior parte do tempo introspectiva, dançando e bebendo. Gosta muito de dançar e durante boa parte da gira fica a rodar sua saia.

Cores: vermelho e dourado.

### **Celeste**

É uma pombagira dengosa. Incorpora em um médium, mas tem a voz fina. Seus gestos são delicados. Presenciei quando ela pediu que informassem ao seu “menino”, como chama seu médium, que lhe mandasse fazer uma roupa azul. Fez o pedido como o faz uma pessoa mimada, de posse de muito dengo. Interage com as demais pombagiras e filhos da casa com o mesmo jeito manhoso.  
Core: azul royal.

### **Maria Padilha das Almas**

É também uma pombagira mais discreta, que aproveita a presença na gira para dançar e beber. Não é tão falante e interage discretamente com os presentes, mas com maior intimidade com exus e outras pombagiras.

Cores: preto e vermelho.

**Aurora**

Seu perfil é semelhante ao de Maria Padilha das Almas.

Cores: verde.

Algumas giras da Casinha Pequenina são realizadas para convidados, umbandistas de outros terreiros de São Paulo (SP). Em uma delas, uma médium incorporou Maria Padilha. Fiquei observando a pombagira desde que ela se manifestou, com o objetivo de verificar se era a mesma Maria Padilha com quem tive vários contatos em Belém (PA). A Maria Padilha dessa médium paulista é totalmente diferente. Tímida, com expressão corporal contida e ombros encolhidos, perguntou para sua cambona porque eu a olhava insistentemente. Sua cambona respondeu gentilmente:

“É porque ela gostou de você”.

Ficou o tempo todo quieta, com ambas as mãos segurando uma taça, falando baixo com sua cambona que lhe servia bebida com certa frequência. A semelhança com Maria Padilha que conheci em Belém (PA) é apenas a cor, vermelho e preto. Do jeito

desbocado e falador da Padilha do Norte, a do Sudeste nada tinha. Foi então que realmente me convenci de que Eleonora tinha razão quando disse que a Maria Padilha que eu conhecia só trabalhava “na minha terra”, como se referiu à capital paraense.

### **Breve reflexão**

A comunidade de pombagiras na Umbanda é diversificada como o é uma comunidade de qualquer sistema cultural. Há pluralidade de perfis, de identidades, de personalidades. Mesmo que haja uma imagem popular generalizada, no Brasil, de quem é a Pombagira, esse livro-reportagem deixa o registro de que o exu feminino é elemento identificador de um grupo de entidades da Umbanda que se assemelha em sua competência de atuação. Para conhecer bem quem são as pombagiras, é necessário o contato direto com as entidades, a partir das giras de esquerda. Uma experiência no mínimo antropológica interessante. Deixo aqui meu depoimento pessoal: a apuração desse livro-reportagem me permitiu desconstruir imagens pré-estabelecidas sobre a entidade e sobre a própria Umbanda, além de me proporcionar o testemunho de manifestações de fé

totalmente desconhecidas até então. Oportunizar-se o contato com o diferente, com o desconhecido, é também um meio de crescer enquanto ser humano, um ganho que foi muito além do meu amadurecimento enquanto jornalista e comunicóloga.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

FERAUDY, Roger. Umbanda, essa desconhecida. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2006.

GUIMARÃES, Maria Teodora Ribeiro. Umbanda, um novo olhar. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2011.

LARAIA, José Roque de Barros. Cultura, um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LIMA, Bento de. Malungo, decodificação da Umbanda. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MENDONÇA, Evandro. Pombagira e seus assentamentos. São Paulo: Anúbis, 2012.

MATTOS, Regiane de Augusto de. História e Cultura afro-brasileira. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. 5ª Ed. Belém: Smith Editora, 2007.

PEIXOTO, Norberto. Umbanda pé no chão. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2008.

SARACENI, Rubens. Orixás, teogonia de Umbanda. São Paulo: Madras, 2012.

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as Faces inconfessas do Brasil em Herdeiras do Axé. São Paulo: Hucitec, 1996.

Site Biblioteca de ritmos  
[www.bibliotecaderitmos.com.br](http://www.bibliotecaderitmos.com.br), acessada em  
22/08/2013.

Site da Federação Espírita Brasileira  
<http://www.fedespbrasil-es.org.br/pg/1677/umbanda-candomble/>, acessado em 05/08/2012.